



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharia

# **Conversemos sobre casas - Uma reabilitação na Murtosa**

**Ana Margarida Henriques Bandeira Tavares**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura**  
(Ciclo de estudos integrados)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

**Covilhã, outubro de 2016**



# Agradecimentos

A concretização desta dissertação só foi possível com todo o apoio e ajuda de um conjunto de pessoas às quais devo e passo a agradecer:

Ao professor Doutor João Miguel Mendes do Amaral Santiago Fernandes, orientador desta dissertação, por toda a dedicação, compreensão e interesse, a cima de tudo por o que aprendi ao longo desta temporada de trabalho em conjunto.

A todos os professores e colegas de curso que contribuíram para a minha formação, não só no campo académico mas também pessoal ao longo deste percurso.

A todos os meus amigos da Universidade da Beira Interior e de longa data, especialmente à Nadine Oliveira, Joana Forte, Bruno Sousa, Rita Nunes, Esmeralda Gonçalves, Inês Rodrigues, Maria Leão, Raquel Carinha, Diana Ferreira, Ana Beatriz Geraldo, Cristiana Barbosa, Fábio Santos, Teresa Carvalho, Ana Faustino.

A toda a minha família, em especial aos meus pais e também à Mariana e ao Francisco, por todo o apoio e paciência ao longo destes anos.

Em especial ao Fábio Ferreira, por todo o companheirismo, motivação e sobretudo compreensão.



# Resumo

Durante os últimos anos, os modos de habitar sofreram bastantes alterações; as tradições, a cultura, a reestruturação das famílias, fizeram com que a utilização da casa, como modelo de habitação, tomasse outras orientações. Defendemos assim, nesta dissertação a intervenção do arquitecto no que diz respeito à preservação e conservação do património, de modo a recorrer à reabilitação do que julgamos ser a identidade das regiões.

A casa da Murtosa, incluída no que julgamos ser a definição de arquitectura tradicional portuguesa, partilha elementos e características com as casas tradicionais da Gândara, mais precisamente de Mira e da Tocha. Entre estas existem semelhanças mas também algumas diferenças e particularidades a nível formal; fazemos assim um confronto no que diz respeito a elementos que definem a identidade das mesmas, assim como o local do celeiro em cada uma das situações, o corpo secundário que é comum nas duas, mas que altera a posição e o local; o portão que define a entrada para o que é habitação e o interior e as suas diferenças de organização. Estes são factores que confinam a identidade de cada local e caracterizam o aglomerado da região.

Assim, como na Murtosa, os factores que designam e caracterizam a região, são fundamentais para entendermos a origem de todas as formas e conceitos impostos nas casas deste tipo. Elementos como o alpendre, a organização interior, os materiais, as eiras, entre outros temas, fazem da casa da Murtosa a chave para a identificação e identidade do lugar.

Na componente prática e projectual, e como base de sustentação da reflexão da parte teórica desta dissertação, propomos a reabilitação de uma casa típica do concelho da Murtosa, de modo a reactivar a mesma e tornar o espaço habitável na sua contemporaneidade, de modo a expressar os tempos actuais, sem nunca deixar esquecida a originalidade do lugar.

## Palavras-chave

Casa da Murtosa, Arquitectura tradicional portuguesa, habitar, reabilitação, identidade.



# Abstract

During the last years the ways to inhabit experienced several changes; the traditions, the culture and the family restructuring have led the house uses, as housing model, to other directions. Thus, in this dissertation we defend the architect intervention concerning to the heritage conservation and maintenance, in order to fall back upon, rehabilitation of what we believe to be the regions identity.

The house of Murtosa, included in what we assume to be the definition of Portuguese traditional architecture, shares elements and characteristics with the traditional houses of Gândara, more precisely with the villages of Mira and Tocha. Between those, there are similarities but also some formal differences and particularities; therefore, we realized a match concerning to the elements which define their identities, as well as the localization of the barn in each one of the situations, the secondary part which is common in both of them, but it's different in the local and position; the gate which define the entrance to the house and to the interior and their differences of organization. These aspects confine the identity of each local and characterize the region agglomerate.

Therefore, as in Murtosa, the factors which appoint and characterize the region are essentials to understand the origin of all the shapes and concepts placed in this type of houses. Elements as the porch, the interior organization, the materials, the threshing floors, among others, make the house of Murtosa the key to the identification and identity of the place.

In the practical part, the project, and as a sustaining base of the reflection of the theoretical part of this dissertation, we propose the rehabilitation of a typical house in the village of Murtosa, in order to reactivate it and to turn the habitable space in its contemporaneity, to express the contemporary times, without ever forgetting the place originality.

## Keywords

House of Murtosa, Portuguese Traditional Architecture, inhabit, rehabilitation and identity.



# Índice

Capítulo 1   Introdução	1
Considerações iniciais	1
1.1.Estrutura	1
1.2.Metodologias	3
1.3.Objectivos	5
1.4.Estado da arte	6
Capítulo 2   Arquitectura popular da região	9
2.1. A região e a casa Gandaresa - Litoral central	9
2.2. Casas de Mira	13
2.3. Casas da Tocha	16
Capítulo 3   A casa da Murtosa	21
3.1. A casa - O concelho e as particularidades que os definem	21
3.1.1. Tipo um	23
3.1.2 Tipo dois	23
3.1.3. Tipo três	25
3.2. Modos de construir e espaços característicos - Aspectos gerais	27
3.2.1. O alpendre	28
3.2.2. Cozinha	29
3.2.3. Sala	32
3.2.4. Sala do meio	33
3.2.5. Quartos	34
Capítulo 4   Caso específico	35

4.1. Organização do espaço	35
4.2. Materialidade	39
Capítulo 5   Memória descritiva e conclusões gerais	45
5.1. Memória descritiva	45
5.1.1. Programa e Funcionalidades	46
5.2. Conclusões gerais	55
Bibliografia	61
Teses e dissertações:	61
Livros:	61
Fontes da internet:	62

# Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema de palavras-chave. Fonte: Autor, 2016	3
Figura 2 - Mapa representativo das regiões referidas. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	12
Figura 3 - Exemplos das tradicionais casas de Mira. Fonte: Autor, 2016	13
Figura 4 - Portões geralmente em madeira, que dão acesso ao pátio. Fonte: Autor, 2016	16
Figura 5 - Casa da Tocha num estado de degradação avançado. Fonte: GoogleMaps.com.	17
Figura 6 - Confronto de características entre Mira e Tocha. Fonte: Autor, 2016	19
Figura 7 - Localização do Concelho da Murtosa. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	21
Figura 8 - Réplicas de casas tradicionais da Murtosa. Fonte: Autor, 2016	22
Figura 9 - Planta tipo de casa do tipo um. Fonte: Desenhos de Fernando Galhano e Ernesto Veiga Oliveira, Arquitectura Tradicional Portuguesa. (2000)	23
Figura 10 - Planta tipo de casa do tipo dois. Fonte: Desenhos de Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira, Arquitectura Tradicional Portuguesa. (2000)	24
Figura 11 - Exemplo de habitação do tipo 2 com alterações, na freguesia do Bunheiro. Fonte: Autor, 2016	25
Figura 12 - Casa do tipo três na freguesia do Monte. Fonte: Autor, 2016	26
Figura 13 - Planta tipo de casa do tipo três. Fonte: Desenhos de Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira, Arquitectura Tradicional Portuguesa. (2000)	26
Figura 14 - Casa do tipo três na freguesia do Bunheiro. Fonte: Autor, 2016	26
Figura 15 - Mapa representativo do percurso feito para o transporte de areias brancas. Esgueira - Murtosa. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	27
Figura 16 - Poal, Casa museu Custódio Prato. Fonte: Autor, 2016	28
Figura 17 - Exemplo de cozinha e sua disposição, Casa museu Custódio Prato. Fonte: Autor, 2016	31
Figura 18 - Chaminé da lareira da cozinha, Casa museu Custódio Prato. Fonte: Autor, 2016	31
Figura 19 - Sala do senhor, Casa museu Custodio Prato. Fonte: Autor, 2016	33

Figura 20 - Exemplo de organização de quartos, Casa museu Custódio Prato. Fonte: Autor, 2016	34
Figura 21 - Mapas de localização da habitação. Fonte: Autor, base GoolgeMaps.com	35
Figura 22 - Mapas de localização da habitaçãoFreguesia do Bunheiro, Rua do Feital. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	35
Figura 23 - Esquema simplificado do interior da habitação. Fonte: Autor	36
Figura 24 - Identificação de espaços. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	38
Figura 25 - Poal, Fonte: Autor, 2016	39
Figura 26 - Elementos em madeira na habitação. Fonte: Autor, 2016	40
Figura 27 - Telha fontela. Fonte: Autor, 2016	41
Figura 28 - Pilha do mato. Fonte: Autor, 2016	41
Figura 29 - Eira e garagem. Fonte: Autor, 2016	42
Figura 30 - Alpendre. Fonte: Autor, 2016	42
Figura 31 - Terrenos contíguos à eira. Fonte: Autor, 2016	43
Figura 32 - Poço e tanque. Fonte: Autor, 2016	43
Figura 33 - Alpendre. Fonte: Autor, 2016	44
Figura 34 - Traseiras da área habitacional. Fonte: Autor, 2016	44
Figura 35 - Localização e envolvente. Fonte: Autor, base GoogleMaps.com	46
Figura 36 - Esquema de união dos dois volumes. Fonte: Autor	47
Figura 37 - Pequeno pátio na intersecção dos espaços. Fonte: Autor	48
Figura 38 - Comunicação entre os pátios, via interior. Fonte: Autor	50
Figura 39 - Diferenciação de espaços. Fonte: Autor	51
Figura 40 - Especificações, bloco exterior. Fonte: Autor	52
Figura 41 - Pormenor da linha de água. Fonte: Autor	53
Figura 42 - Diferenciação de pavimentos. Fonte: Autor	54





# Capítulo 1 | Introdução

## Considerações iniciais

Nesta dissertação abordamos a casa, a sua tradição e todo o carácter e importância que a mesma tem na qualidade da identidade da região e do lugar. Partimos do pressuposto que a casa é o local de habitar, um espaço pessoal e familiar onde não é só o Homem que influencia o seu aspecto, mas também e principalmente, a sociedade e a cultura onde o Homem se insere.

As vivências diárias, a religião, a economia, o local, entre outros, são factores que influenciam, alteram e definem a política de cada habitação e por consequência os modos de utilização da mesma. *“É evidente que ela pode considerar-se um produto imediato das relações do Homem com o meio natural que o rodeia.”*<sup>1</sup> Cada região tem a sua linguagem, linguagem essa que tem o papel de transparecer e dar à casa a conotação de imagem da tradição.

*“A casa é um artefacto cultural, reflexo de processos de territorialização pessoal, cunhados pelos hábitos e estilos de vida de quem nela habita e revelados nos dispositivos arquitectónicos postos ao dispor do seu projecto.”*<sup>2</sup>

### 1.1. Estrutura

A seguinte dissertação tem como tema “Conversemos sobre casas”. Está dividida em duas partes, e tem como conteúdo uma componente teórica e outra prática. Como o próprio nome indica iremos abordar a temática da habitação e suas especificações, dependendo do local onde está inserida.

O foco deste estudo irá ser feito no distrito de Aveiro, passando pela Gândara<sup>3</sup>, e retirando dessa região as mais importantes particularidades da habitação tradicional de cada local. Com isto é pretendido essencialmente analisar e compreender melhor o funcionamento de cada habitação visando as diferentes actividades exercidas em cada uma delas.

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando (2000). Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa. Página 13.

<sup>2</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010). “A casa - Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português”. FAUP Publicações.

<sup>3</sup>Gândara é um nome que está referenciado a lugares do Noroeste Peninsular, contudo, no nosso país, esta designação está entre a ria de Aveiro e o rio Mondego, que se denomina por Beira Litoral por um conjunto vasto de características particulares.

Como ponto inicial e de partida, achamos ser essencial compreender a relação e as diferenças existentes nas definições de arquitectura vernacular, arquitectura tradicional e arquitectura popular.

A tradição, o território, o povo, a identidade, a cultura e o património, são nomes referentes à definição destas três vertentes na arquitectura, com isto, pretendemos chegar a uma conclusão perante a origem da habitação que irá ser tratada na componente prática, de modo a entender a sua construção, a sua história; no fundo todos os formalismos inerentes ao seu aspecto, para deste modo não eliminar a identidade da casa e do espaço.

Num segundo ponto e para melhor compreendermos a verdadeira origem da casa da Murtosa, abordamos diferentes tipos de casa da região de Aveiro, e chegamos à conclusão que a casa gandraesa é a que mais se assemelha com este tipo.

Dentro deste tipo gandarês, observamos que as casas de Mira e da Tocha são as que melhor representam a identidade da região e as que mais e melhor se identificam com o que julgamos ser a casa da zona da Murtosa.

Assim, para melhor entender todas as diferenças e semelhanças, abordamos esta temática com um confronto entre as duas (Mira e Tocha), em que mostramos os aspectos importantes que determinam e definem cada tipo de habitação, são eles: a materialidade, os materiais utilizados que ao longo do tempo foram sofrendo alterações; o interior, onde podemos reparar nas diferenças da organização da casa dos dois sítios; o portão, que é um elemento de grande importância, pois é nele que está situada a entrada para o espaço interior; o celeiro, visto que a agricultura era o sector mais forte em tempos, o celeiro é parte representativa das casas antigas, pois era nele que se guardavam todos os pertences; por fim, o corpo secundário que nos dois tipos funciona como um acrescento ao corpo principal onde se situa a sala.

Com isto, tomamos por entendida a origem das casas da Murtosa, pois as semelhanças com as já referidas são muitas. As casas da Murtosa, são donas e reféns da identidade local, e o seu aspecto varia de casa para casa, isso fez com definíssemos três tipos diferentes, que ao percorrermos a vila são bem visíveis as diferenças entre eles.

O tipo um, que representa o mais genuíno, é neste tipo que a casa possui só e apenas o necessário para dormir e comer, os espaços das necessidades básicas; o tipo dois, baseado no tipo um, mas com um aumento para alcovas, o que faz com que o corpo da casa fique mais largo e são acrescentadas águas à cobertura; por fim o tipo três, neste, podemos observar o acrescento de um volume com o motivo janela-porta-janela, em que a altura é ligeiramente mais alta que o outro volume, é notável no exterior esse acrescento.

Com isto, depois de estudados os diferentes tipos de casa, partimos para um estudo concreto, para o que realmente é objecto de estudo, a casa que vamos reabilitar. Esta, situada na Murtosa, na freguesia do Bunheiro, é parte integrante da identidade do lugar, as suas características vincadas que lhe dão o carácter tradicional, despertaram interesse e vontade de alterar e melhorar o espaço, sem nunca fugir da sua originalidade.

Com isto e em suma, o processo utilizado para o desenvolvimento do trabalho aqui presente, assenta nas seguintes etapas:

Recolha e análise de referências bibliográficas sobre o tema;

Levantamento fotográfico geral nas áreas em questão (Mira, Tocha e Murtosa);

Levantamento arquitectónico no local e levantamento fotográfico sobre caso específico (Murtosa de uma forma mais aprofundada);

Redacção e análise teórica;

Projecto de Arquitectura, elaborado em paralelo com a componente teórica de modo a ajudar a compreender a origem de todos os materiais e a história da própria habitação.

## 1.2. Metodologias

Ao longo da história, o património construído, é talvez o elemento mais importante que enobrecer e eleva toda a história do país e da humanidade. Podemos assumir, como um conjunto de bens que conseguiu sobreviver ao longo dos anos, às mais variadas intervenções de recuperação e aos interesses do proprietário.

Hoje, muitos deles, fazem parte do museu a céu aberto de cada região, sem a grande monumentalidade dos grandes e históricos, mas plenos de uma humildade que traduz a evolução do habitar no nosso país. O património construído a que se reporta esta dissertação insere-se predominantemente na identidade que a casa típica confere à região de Aveiro.



Figura 1 - Esquema de palavras-chave

A recuperação, reutilização e revitalização dos espaços pressupõe atitudes correctas perante a história do património, a atenção prestada ao que formou e ainda hoje constitui a identidade do lugar é uma componente que não se deve perder de vista e a arquitectura tem que corresponder às necessidades do habitante, seja hoje ou em tempos que já passaram.

Achamos assim, que a arquitectura vernacular, popular e tradicional, formam um conjunto de definições que sugerem normas e boas formas de reavivar o que cada região tem para oferecer, de modo a não fugir ao que é realmente a identidade do lugar.

A arquitectura vernacular caracteriza de forma particular uma comunidade, o seu modo de habitar e interagir no território, contudo há condicionantes que definem esta vertente da arquitectura, são eles, geográficos, económicos, sociais e culturais que variam dos locais e das comunidades que as constroem e habitam.

Assim, perante os factos, a diferença regional faz-se traduzir pela utilização de diferentes materiais e técnicas locais, pela adaptação às especificidades climáticas, aos costumes da comunidades e também às respectivas actividades económicas praticadas na região.

No entanto, ao longo dos anos fomos presenciando o abandono desta abordagem arquitectónica e também a perda do seu conhecimento inerente, que tende em seguir um rumo em direcção à arquitectura universal que é generalizada e diferente ao meio onde é construída com uma vasta variedade de materiais industriais.

Hoje em dia, no momento de viragem, em que se procuram formas de energia mais limpas, mais agradáveis ao ambiente e edifícios mais eficientes, é importante retroceder na história e voltar ao passado para assim estudar e compreender estas formas de construção inerentes ao lugar, com o objectivo de adaptar e desenvolver o que esta construção tem de melhor e adaptar as suas mais-valias em novas descobertas e formas de construir no futuro.

A arquitectura popular é por definição a arquitectura do povo.

Esta é uma componente essencial e um forte constituinte que define parte da cultura de um povo. Neste conceito está incluída não só a arquitectura na sua definição, mas também as suas relações com os modos de organizar o território, a organização urbana e as estruturas de povoamento.

A compreensão desta cultura arquitectónica de cariz popular é essencial para a permanência da memória, das tradições e da cultura das comunidades, para a preservação da sua identidade e o respeito pela sua história, sendo determinante para evitar a destruição da paisagem.

Torna-se necessário estudar e divulgar esta cultura arquitectónica, explicitando a importância da preservação deste património, que deve desempenhar um papel cada vez mais importante como referência para o futuro das comunidades, como motor de desenvolvimento económico e social e como referência para uma arquitectura contemporânea enraizada na nossa cultura e tradições.

A arquitectura tradicional assume-se como definição perante a identidade de uma determinada região, devendo ser preservada e mantida a sua semelhança e essência nas acções de conservação e recuperação. A arquitectura tradicional preserva o original do lugar. As casas alpendre<sup>4</sup> são um exemplo da arquitectura tradicional desenvolvida pelos agricultores desta região que, pelas suas características, é importante e interessante preservar.

A organização funcional e espacial destas construções está intimamente ligada e adaptada às necessidades agrícolas e são constituídas pelos seguintes parâmetros:

- Um corpo rectangular compartimentado com um número de dependências estritamente essenciais à sobrevivência do aglomerado familiar e em função dos muitos serviços de apoio que é solicitado.
- Um alpendre que protege os produtos agrícolas contra as intempéries e os temporais vindos do Sul;
- Uma eira onde se degranam e secam os legumes e os cereais.

Estas são algumas das características que demonstram a que grupo pertence a casa em questão, que irá ser reabilitada e onde nos vamos debruçar na componente prática desta dissertação.

### **1.3. Objectivos**

A presente dissertação, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura, visa compreender o estado actual do património construído na região da Gândara e da Murtosa, num período já antigo. Estas são duas regiões relativamente próximas da cidade de Aveiro e partilham de características no que diz respeito à sua identidade.

Com isto, pretende-se analisar e apresentar as características das habitações destas regiões e seus principais focos e particularidades, recorrendo a exemplos de diferentes tipos de casa em cada região.

---

<sup>4</sup> Casas alpendre, visto que o alpendre é um elemento de enorme importância nas casas da Murtosa, em todos os tipos, este é um segundo nome que referencia este tipo de casas.

Dando uma especial e mais relevante importância às habitações da região da Murtosa, visto ser este o verdadeiro objecto de trabalho na componente prática.

Os agentes culturais são linhas importantíssimas e fundamentais para a transmissão de valores relacionados com a preservação do património construído no território, por isso, é nosso papel alertar toda a comunidade e todos os proprietários para a preservação do que julgamos ser a identidade das regiões.

A identidade da arquitectura da região está a entrar numa fase de desvanecimento, a falta de meios para a reabilitação é um dos factores que mais prejudicam e mais influenciam o desmoronamento da cultura do lugar; dar a conhecer a cultura dos espaços e o que de melhor já se construiu, é também e fundamentalmente, papel do arquitecto, com isto pretendemos mostrar que estas habitações, podem agora e também no futuro, ganhar novas funções sem nunca perderem o que é realmente a sua originalidade, mantendo as suas características e todos os aspectos que as designam.

Assim, pretendemos responder a todas as questões das construções desta região, no que diz respeito, à organização formal, conceptual, à materialidade e a todas as funções e actividades adjacentes.

Com isto, as questões presentes nesta dissertação são de modo geral relevantes para entendermos o que fazer com o património cultural da região, sem nunca com intenção de o descaracterizar.

#### **1.4. Estado da arte**

O tema habitação, incluindo as diferentes formas de utilizar a casa e conseqüentemente os modos de habitar, são temas eminentes no mundo da arquitectura. Porém, o assunto pela qual nos vamos debruçar abrange um grupo maior que subtemas, este, passa pelo estudo de diferentes arquitecturas, singularidades entre a Ria de Aveiro e o Rio Mondego.

A habitação tradicional nesta região varia quando viajamos de uma zona do interior para o litoral, desde a materialidade, a organização interior, as funções e o aspecto, entre outros elementos que nos fazem reparar que as alterações são bem visíveis.

Todavia, os anos passam e é fundamental que haja da parte do proprietário uma preocupação perante o que é parte integrante da identidade do espaço. Com isto, este tema da reabilitação remete-nos para o que faz parte da componente prática desta dissertação e visa assim um melhoramento do que é a identidade, a originalidade e a imagem do local.

Para esta análise do que é tradicional, teremos então que nos debruçar em variados livros, artigos; no fundo informação onde este tema seja o centro da questão, para assim conseguir

fazer um cruzamento de dados, deste modo obtendo resposta às singularidades e questões no que diz respeito à arquitectura da região.

Por exemplo, o livro “A casa” do autor Rui Ramos, mostra-nos como a casa, espaço de habitar, se comporta perante a sociedade, a mudança dos tempo e quem nela habita.

A casa é um local privilegiado da vida privada, pois é ela uma das mais antigas definições de espaço familiar, logo, esta tem que acompanhar quem a habita e está sujeita a qualquer alteração acompanhando assim o crescimento da sociedade onde está inserida.



# Capítulo 2 | Arquitectura popular da região

## 2.1. A região e a casa Gandaresa - Litoral central

Toda a região entre a ria de Aveiro e o rio Mondego é chamada como a região gandaresa. A Gândara é um topónimo cujo nome está referenciado a lugares do Noroeste Peninsular, contudo, em Portugal, esta designação está compreendida entre as bacias do Vouga e o rio Mondego, que no conjunto se denomina por Beira Litoral por um conjunto vasto de características particulares. Foi neste espaço desde início instalado um tipo geral de casa térrea.

A casa é algo pessoal e está conectada à definição mais autêntica do que é ser família, sabemos que este é um espaço de reunião e é o espaço mais íntimo e resguardado de um grupo familiar, mas esta definição sofreu alterações ao longo do tempo.

*“Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano”.*<sup>5</sup>

A casa que agora é o lugar de descanso e bem-estar, antes tinha conotações diferentes, pois estava associada também ao trabalho e à agricultura, e estas tinham o seu local definido dentro do espaço da habitação.

*“A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais - geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais - das respectivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.”*<sup>6</sup>

Nesta região, ao longo das suas estradas, é de salientar a simplicidade das fachadas, que por outro lado, são também muito cuidadas com frisos e algumas guarnições ricas e exuberantes; as paredes de adobe são um elemento estruturante nas fachadas secundárias que dão para a zona traseira da habitação, que por sua vez está em contacto com um pátio que se destina à lavoura.

---

<sup>5</sup> BACHELARD, Gaston. A poética do espaço.  
<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>  
Consultado a 29.05.16.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando (2000). Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa. Página 13.

Podemos reparar, que na frente da casa e conforme os locais, as janelas e portas alinham-se, e neste seguimento, adjacente à casa podemos encontrar o portal largo, com variadas formas, muitas vezes em arco ou com linhas mais direitas, que dá acesso ao pátio através de uma zona coberta, que por Estarreja se dá o nome de “arrumada”. O pátio varia na sua forma de casa para casa, dependendo na necessidade e da actividade do proprietário, pode ser fechado, total ou parcialmente, aquando fechado é por anexos da lavoura, estes são frequentemente cobertos com telhado de uma só água e como são de carácter secundário também não estão rebocados.

A cobertura destas casas é simples, normalmente com telhado de duas águas com telha do tipo marselha, a velha telha de canudo é utilizada para anexos com menor importância. É de se notar que existia um especial cuidado com os beirais que acompanham o relevo dos cunhais, são assim rematados com telhas recortadas e viradas, que encaixam de modo a fazerem um vértice e assim criarem uma linha de continuidade entre a casa e a sua cobertura, algo que se assemelha à cauda de uma andorinha. É com alguma frequência que podemos reparar que os telhados não são postos de lado no que diz respeito ao embelezamento, é normal nesta região, sobre os telhados e nos remates dos cumes verem-se peças decorativas em barro, como pináculos, pombas, águias, toda uma variedade de peças inspiradas em animais.

Por toda esta área entre o rio Mondego e as bacias do Vouga, esta casa apresenta-se em grande número de formas, o que varia de região para região, a fachada, a organização interior, a localização do celeiro são normalmente espaços com a sua localização muito bem definida em cada região, mas no conjunto, poderão sofrer alterações.

Na região gandraesa, é dada muita importância a estas formas, pois elas representam parte da cultura, no que se refere à prática e ao uso dos materiais utilizados, ao plano interior, à agricultura da região e até ao modo de vida da povoação local. Este tipo de casa apresenta uma índole original que cruza particularidades das casas pátio e das casas fachada, pois é um facto, que estas estão dispostas de forma a criarem um pátio interior, que servirá de zona de trabalho agrícola; por outro lado, elas possuem sempre uma fachada que se distingue pelo acabamento, construída ao longo da via.

Nos aglomerados urbanos geralmente a fachada principal sobreleva-se sobre o pátio e este passa despercebido, mas, pelo contrário, em locais mais isolados, em que as casas estão dispostas no espaço de forma mais dispersa, estas estão construídas no meio de campos de cultivo e o pátio evidencia-se com maior nitidez, sendo visível. As casas são construídas num quadrado entre muros e paredes de adobe, sem qualquer corte para o exterior, além da

entrada que é feita por um portão principal, é de notar que estes aspectos estão mais presentes nas casas mais antigas, feitas à sombra da mais antiga tradição.

Em regra, todos os edifícios que formam o conjunto da casa gandaresa são apenas térreos, tanto pessoas como animais habitam o piso inferior, apenas à excepção do sobrado que é o local onde se guardam os produtos agrícolas que, dependendo da região ou ficam sobre a habitação ou noutra local, mas sempre com uma altura mais elevada. Para além desta característica existem elementos que dizemos serem primordiais para a caracterização da casa gandaresa, os três elementos que jogam em conjunto, janela-porta-janela, e que por vezes estão acompanhados de um celeiro, que tanto pode estar logo depois desse conjunto ou também sobre o mesmo, são características cravadas nestas construções.

Novos elementos aparecem, e logo de uma forma forte marcam a sua presença, os grandes e largos portões que dão acesso ao pátio e marcam como se rasgassem a fachada frontal.

Este tipo de casas, as gandaresas, estão a tornar-se uma categoria regional dentro da generalidade de casas com o pátio fechado, isto é de notar em muitas regiões do país, todos os edifícios que a integram, estão construídos de forma a criar um pátio interior, onde é feita a mistura de produtos acumulados que posteriormente é utilizada para a agricultura das areias.

Todas as divisões dos edifícios que constituem a casa são elas, a cozinha, o celeiro, os telheiros, os currais, etc, estão por norma voltados para o pátio interior demarcando desta forma a unidade de todo o espaço e que ajuda a conferir à habitação o carácter de casa agrícola, quando estes elementos que delimitam o espaço não são suficientes é construída uma barreira feita por um muro, mas também acontece, que para as traseiras do pátio se sucede uma horta, que assim dispensa a utilização do muro e deste modo permite que existam também pátios que não sejam totalmente fechados.

Todavia, não devemos falar num tipo definido e singular da casa gandaresa, mas sim numa estrutura própria com linhas gerais características e particularmente, em determinados aspectos típicos que surgem agrupados de modo diverso, conforme as várias zonas, dentro do conjunto que define o gandarês.

Após esta definição, dizemos que esta não é totalmente exclusiva da região gandaresa, estes aspectos já antes falados, e os elementos que a definem, são componentes que estão presentes nas construções dos limites de Vagos, Cantanhede até Aveiro e ao Vouga. Podemos observar nestas terras aqui referidas que a “idade” das suas habitações cujas características correspondem às habitações do tipo gandarês, é mais elevada do que propriamente a verdadeira casa gandaresa e assim chegar à conclusão que o processo teve o seu início mais a Norte, só depois a Gândara tomou o modo de habitar destas regiões alterando pequenos

aspectos consoante as condições económicas e sociais. Assim, na zona gandaresa entraram em voga e as construções respondiam às necessidades do utilizador e às suas condições naturais, económicas e culturais.

De um modo muito geral, as características fundamentais deste tipo de casa, que de certo modo se acrescentam ao tipo comum das casas-pátio, são a sequência de janela-porta-janela que compõem a fachada frontal, o celeiro acompanhado dos postigos, que tanto estão logo de seguida à sequência, ou então podem estar também sobre esta sequência, fazendo-se pertencer um postigo a cada porta ou janela, os telhados de apenas duas águas, e outros elementos que também aparecem que conjugados com as mais variadas características deste tipo de casas marcam particularismos em diferentes locais.

É com base nestes dados, que chegamos à conclusão, que os locais onde mais evidentes estão estas características é em Mira e na Tocha, à qual designamos Casas de Miras e Casas da Tocha.

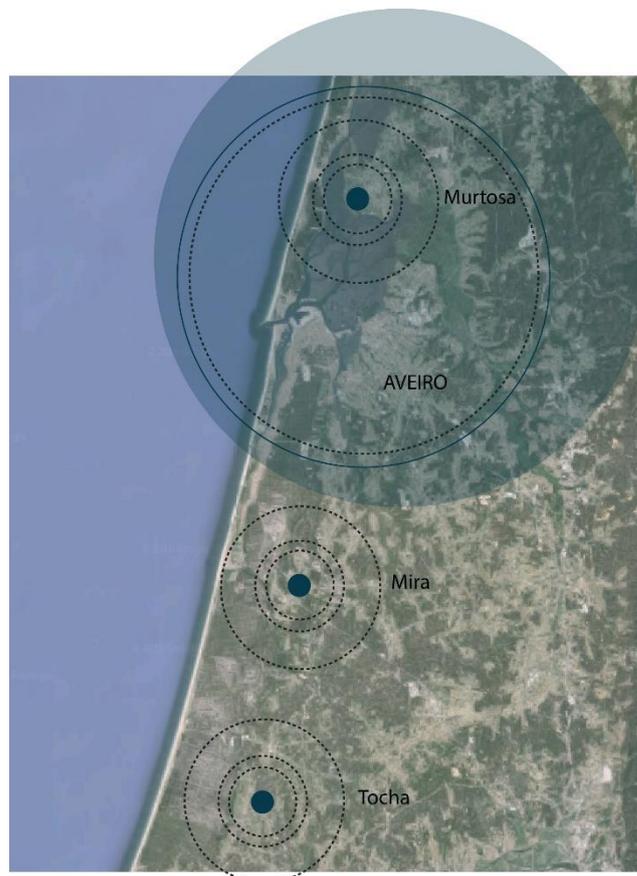


Figura 2 - Mapa representativo das regiões referidas

## 2.2. Casas de Mira

Em Mira, um conjunto de elementos constitui a grande características dos edifícios, as casas mostram para a estrada uma fachada de apenas um piso, comprida e nestas fachadas as aberturas estão dispostas de forma regular janela-porta-janela, no prolongamento da fachada podemos encontrar, por fim, duas aberturas, que normalmente são rectangulares, um pouco abaixo do beiral.



Figura 3 - Exemplos das tradicionais casas de Mira

Toda esta estrutura é a protecção para o que acontece dentro dos limites, de um lado a zona habitacional que do exterior é evidente devido às janelas e à porta que são a face da habitação, do outro lado, o celeiro com os postigos, no meio destas duas partes um portão rasga a fachada e dá acesso a uma entrada coberta à qual se dá o nome de telheiro que por sua vez dá acesso ao pátio, nas traseiras, *“...o pátio é um dispositivo de controlo da casa e do seu e do seu espaço doméstico na sua relação com a envolvente: a casa abre-se para o pátio e encerra-se para o exterior urbano. O pátio é um espaço do interior doméstico.”*<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010). “A casa - Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português”. FAUP Publicações. Página 10-636.

A zona de entrada na habitação é de pé-direito alto e esta prolonga-se, com um telhado mais baixo, de forma perpendicular à fachada principal (voltada para a via), neste corpo perpendicular é onde se situam as cozinhas, que tem por norma serem duas, e muitas vezes entre estas e o corpo frontal, um quarto; a este quarto e de forma sucessiva seguem-se outras repartições em edifícios pequenos e que vão ficando cada vez mais baixos. Ainda neste corpo, perpendicular ao principal e virado para o pátio existe uma fracção destinada para um alpendre estreito que dá acesso à cozinha.

Os restantes lados são vedados por espaços secundários e para outros fins, os currais, cobertos e outras divisões menores, e também por muros. Logo depois do pátio é vulgar a existência de uma horta de apoio às pessoas e também aos animais. Os telhados dos volumes principais são de duas águas, assim como os dos volumes das alas laterais, a inclinação era mais acentuada nos telhados dos edifícios mais antigos e toda a construção era feita em adobe, quando nos voltamos para o aspecto exterior das construções damos conta que apenas a fachada frontal é rebocada e apresenta geralmente melhores acabamentos, com as molduras das janelas e das portas devidamente elaboradas, os frisos de beirais muitas vezes com ornamentos trabalhados e de cantaria lavrada.

A casa é formada por duas zonas, a de habitação e a zona mais agrícola. Esta primeira fracção do edifício é composta por dois “corpos” o que está em contacto com a estrada e o perpendicular a este, o mais à face da via é formado por dois compartimentos, a sala, com janela e porta para a rua, e a “meia-sala”, com outra janela, no corpo mais atrás, no corpo da retaguarda podemos encontrar um quarto ou mais, que se situam entre as cozinhas e a sala.

O alpendre, que dá acesso à cozinha, serve de local de abrigo para passagem ao pátio, mas também é utilizado como abrigo e arrumação. No telheiro encontramos então o acesso para um dos telheiros, e este é feito por uma escada, pois este telheiro é o que fica sobre o portão e iluminado pelas duas pequenas aberturas de luz, ao outro telheiro acedemos pelo pátio. Em suma, é de notar que neste tipo de casas existem elementos bastante característicos: o cuidado na fachada principal e a ornamentação; os elementos que definem a habitação, janela-porta-janela, o que corresponde em planta à divisão da sala e da “meia-sala”; o portão que rompe a fachada que dá acesso ao telheiro e esconde o pátio; os celeiros laterais, de piso superior e iluminado pelos pequenos “olhos” da fachada e o térreo; o corpo perpendicular da retaguarda, onde estão as cozinhas e as demais divisões da habitação que abrem para o pátio e as suas paredes em adobe não rebocado.

Na casa rural em Portugal e nestas casas de Mira, era norma geral a sala ter funções cerimoniais, sobretudo antigamente estava relacionada com cerimónias fúnebres. A “meia-

*sala*”, ao contrário da sala principal tem funções diferentes, voltadas para o habitante, esta servia também como quarto de dormir e arrecadação.

Mas, para além da *“meia-sala”*, também existem os quartos de dormir, que se situam no volume da retaguarda, entre a sala e a cozinha, são de preferência as filhas da família que dormem nos quartos, os rapazes e filhos de família dormem no celeiro, quando não existem quartos para todos, e os pais, se não existirem quartos para eles, dormem em colchões que se podem deslocar e assim dormem onde há espaço.

A existência de cozinha é própria destas casas, pois era normal existirem quase sempre duas cozinhas numa só habitação, na qual uma servia como sala de refeições, e a outra era a cozinha onde se confeccionavam as refeições, davam o nome de cozinha do forno e tinha um aspecto mais tosco e grosseiro, era onde as pessoas de casa passavam algum tempo. Quando recebem pessoas de fora são levadas para a outra visto estar mais apresentável. Ambas as cozinhas têm a cobertura com o mesmo tipo de telhas, estejam estas em casas mais abonadas ou mais pobres, a telha utilizada é a telha vã. Para estes compartimentos a luz entra por um pequeno postigo nas traseiras e este por vezes nem vidro tem a proteger.

Podemos ver que também na cozinha um elemento que está sempre presente é a lareira, ou também podemos chamar de borralho, este normalmente situa-se a um canto do compartimento, e está elevado do chão, as medidas variam entre 15 e 20 centímetros, é de tijolo. A saia da chaminé, a abertura da chaminé, cobre o borralho e é rematada com uma pequena prateleira de madeira onde se colocam pratos com funções decorativas. Em redor da cozinha podemos encontrar prateleiras de madeira, firmes às paredes de adobe, onde arrumam as loiças da cozinha. As chaminés são escassas nas cozinhas do forno, e os fumos escapam por entre telhas afastadas para esse propósito.

Os celeiros, como já referimos anteriormente, é onde dormem os rapazes da família caso não tenham quarto para eles, mas os celeiros são também locais onde se guardam as alfaias e o que da agricultura se consegue tirar. Nas localidades onde é fluente a cultura da vinha, os celeiros podem também servir de adegas.

A casa está toda ela voltada para o centro, os currais, o galinheiro, o alpendre, o telheiro etc. estão todos voltados para o pátio, este sem qualquer tipo de pavimento, com o chão em terra, é o sítio onde se colocam os cereais a secar, onde estão as grandes pilhas de junco, de mato e fagulha de pinheiro.

O telheiro, com acesso directo pelo grande portão para a rua, é também um abrigo para o carro e para quem entra, é também utilizado como espaço de arrumação, quando a sua largura o permite. Um dos elementos que demarca este tipo de casas é também o alpendre,

que assim como o telheiro serve também como local de arrumação, este é um prolongamento da água do telhado e suportado por uns simples pilares de adobe, dá acesso às cozinhas e serve também de abrigo para quem chega.



Figura 4 - Portões geralmente em madeira, que dão acesso ao pátio

Em modo de conclusão, podemos determinar que este tipo de casas eram num aspecto geral pobres e a vida dos seus moradores era de certa forma rude e sóbria, estes aspectos estão ainda mais evidentes nas casas mais antigas, que eram muito baixas e pequenas. Este tipo de casa que definimos é o tipo que bem caracteriza a zona de Mira, e dá à vila a sua verdadeira identidade sem esquecer as suas raízes, ao circularmos na estrada nacional, é naturalmente evidente a tradição destas construções, são imensos os exemplos que podemos observar nessa zona bem como no interior da região.

### 2.3. Casas da Tocha

Se seguirmos caminho em direcção ao sul, depois da longa mancha verde que separa Mira da Tocha, o tipo de casa que antes descrevemos perde um pouco do seu carácter no que diz respeito ao padrão local que existe em Mira, embora existam mais casos, mas estes são isolados, e a partir da zona da Caniceira<sup>8</sup> aparece um novo exemplo de casas, a casa da Tocha.

---

<sup>8</sup> Caniceira pertence ao concelho de Cantanhede e ao distrito de Coimbra.

Também de pátio fechado, as casas da Tocha têm uma certa afinidade com as casas de Mira, o que lhes confere um estilo próprio e comum a ambas, apesar destas terem diferenças principalmente no modo como se dispõem os diferentes elementos da habitação.

Na localidade da Caniceira, pertencente à Tocha, a casa que achamos pertencer ao modelo tradicional local, tem um volume principal que nos mostra o que mais caracteriza o típico gandarês, janela-porta-janela, que no interior se relaciona com os espaços adjacentes e se traduz por três espaços, são eles: uma sala e dois pequenos quartos que abrem para ela, estas divisões suportam o sobrado, que está sobre elas, que muitas das vezes serve de celeiro e também toma a posição de andar, em que a iluminação é feita por pequenas aberturas de luz, às quais podemos chamar de “óculos”. A comunicação entre os espaços do andar superior e inferior é feita por uma escada que provém de um dos quartos; logo em seguida a este volume principal, encontramos um corpo secundário, com um pé direito mais baixo, aqui é o sítio onde estão situadas as cozinhas e outras divisões de menor dimensão.

Neste tipo de casas, a união entre os dois blocos, o principal e o secundário, é feita pela cozinha e pela sala, que tem passagem entre elas; assim, os quartos ficam voltados para a sala do lado oposto à cozinha e a sucessão que está presente na fachada principal faz corresponder a primeira janela a um dos quartos e o restante, que são a porta e a outra janela, correspondem à sala. Já a cozinha, que se situa no outro volume, tem porta e janela próprias.



Figura 5 - Casa da Tocha num estado de degradação avançado

Em algumas casas, menos antigas e não tão primitivas, encontramos diferenças na organização interior, como por exemplo o facto de a cozinha estar incluída no corpo principal, o que reduz de forma notável a dimensão da habitação, e também a ligação do sobrado, que nestes casos passa a ser feita por umas escadas que passam a ter lugar na própria cozinha. No que diz respeito ao resto das divisões, a casa mantém o seu interior e a relação com a fachada principal e as suas entradas de luz mantêm-se.

Aliadas as estas mudanças no que diz respeito ao interior existem também outros tipos de alterações, assim como o aumento de divisões das habitações que obriga a que existam mais rasgos no exterior para permitir a entrada de luz e ventilação de todos os compartimentos.

Em concordância com as casas de Mira, estas possuem também um pátio, cujo acesso é feito por um portão, a diferença entre os dois tipos é onde está o portão, que neste caso, em vez de estar na fachada principal, junto ao volume habitacional com mais importância, está num muro e rasga o muro que funciona como continuação da casa.

Nas casas da Tocha o forno é também um elemento de grande importância, e aqui, a maneira de o construir é diferente ao das casas de Mira. Enquanto que, em Mira o forno é construído entre as paredes que integram a habitação, na Tocha o forno é visível do exterior e cria um recanto quando se encontra com a parede, ocupando uma grande parte desta fachada, esta é uma particularidade que podemos encontrar nos arredores da localidade da Tocha, no interior da cozinha, a lareira e a boca do forno são impostas no local da mesma forma, e como em Mira está a um canto da cozinha, as casas com a cozinha incorporada no corpo principal são as mais vistas no centro da localidade. Já nos arredores da Tocha podemos avistar o tradicional anexo correspondente à cozinha.

Na Tocha, não houve tanta facilidade em observar as tradicionais habitações como em Mira. Na localidade da Tocha, estas já estão num estado de degradação, muito avançado e devido à distância a que estão da via, torna-se difícil alcançar as mesmas. São poucas, únicas e inalcançáveis.

Em jeito de conclusão e de modo a esclarecer as diferenças entre o andarês de Mira e da Tocha, apresentamos assim um esquema que confronta os dois tipos e mostra as semelhanças e as diferenças em quatro elementos importantes e que demarcam este tipo de casas.

	MIRA	TOCHA	
CELEIRO	Lateral, situado ao lado do coberto que dá acesso ao exterior, sem qualquer relação com o volume habitacional.	Volume principal, situado sobre a habitação constituindo um aspecto de primeiro andar, acesso é feito pelos quarto ou mais recentemente pela cozinha.	DIFERENTE
	Ventilação é feita por pequenas aberturas com as mais variadas formas, a que podemos dar o nome de "óculos", estas permitem também passar alguma iluminação para o local.		IGUAL
CORPO SECUNDÁRIO	Corpo à retaguarda perpendicular ao principal, onde se situam as cozinhas, o alpendre e os quartos.	Bloco anexo ao principal e seguindo a sua orientação, onde se situa a cozinha que nas casas mais recentes fica incluída no corpo da casa.	DIFERENTE
	O pé direito do corpo secundário é nos dois casos mais baixo que as restantes construções.		IGUAL
PORTÃO	Portão situado na fachada principal dá acesso ao celeiro e ao pátio.	Portão situado num muro adjacente à casa conforme a relação com a via.	DIFERENTE
INTERIOR	Existência da meia-sala que varia as suas funções consoante as necessidades, tanto pode ser utilizada como quarto ou então pode ocupar as funções de sala.	Os quartos usufruem do mesmo corpo que a sala e estão voltados para esta, no corpo principal.	DIFERENTE
	A relação do elemento forte janela-porta-janela é de notar nos dois tipo de casa, pois os dois têm a mesma relação com as mesmas divisões interiores.		IGUAL

Figura 6 - Confronto de características entre Mira e Tocha

Também a norte da Ria de Aveiro, numa zona pequena e limitada que coincide com o conselho da Murtosa, encontra-se uma casa que se aproxima do tipo aqui anteriormente descrito que iremos abordar no próximo capítulo todas as suas características especificações que mostram particularidades importantes que particularizam e diferenciam marcadamente esta região. De modo a compreendermos toda a história e origem das suas características que dão a imagem e a identidade à região da Murtosa.



# Capítulo 3 | A casa da Murtosa

## 3.1. A casa - O concelho e as particularidades que os definem

Dando continuidade ao estudo da habitação em Portugal, vamos então focar a nossa atenção num conjunto de casas que fazem parte da imagem do concelho da Murtosa<sup>9</sup> (a Murtosa é um pequeno concelho reconhecido pela grande aptidão no meio da arte xávega<sup>10</sup>) e que apresentam pormenores e características bem vincadas que as distinguem das regiões vizinhas e as individualizam no conjunto que achamos serem as casas da região de Aveiro.

A Murtosa é um concelho, pertencente à sub-região do baixo Vouga, que desde sempre até aos tempos de hoje vive fundamentalmente da prática da pesca, seja em mar ou na ria, mas a agricultura é um ponto forte para o cultivo de cereais, a morfologia ajuda à prática desta cultura. A área do concelho é bastante pequena, mas nem por isso menos importante, estas casas merecem que nos debrucemos sobre elas, não só pela sua beleza, mas também pela sua singularidade, pela forma como estas estão incluídas e se integram na paisagem natural, pela cultura local que nelas está representada, pelas afinidades estruturais que todas estas casas partilham, o que faz delas serem consideradas o modelo típico local.

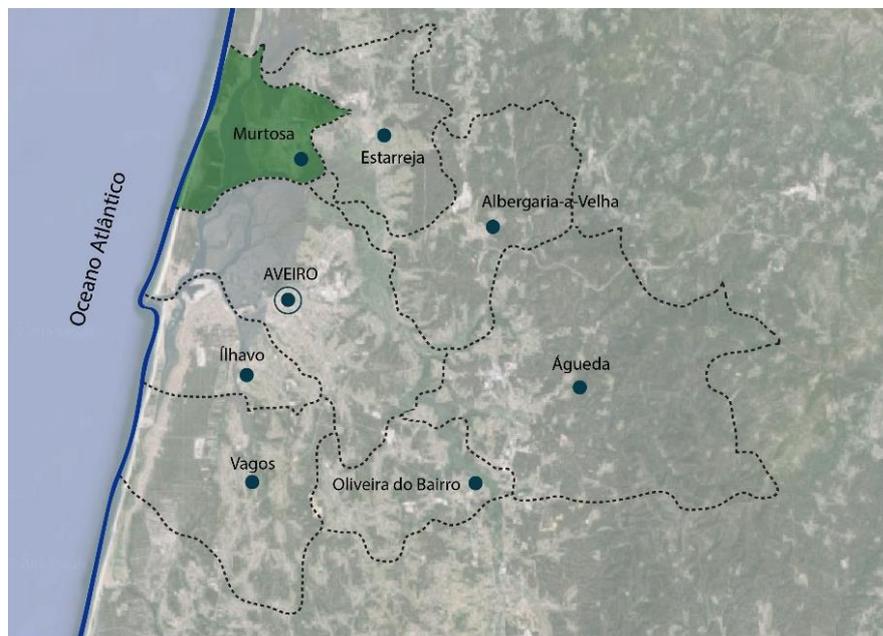


Figura 7 - Localização do Concelho da Murtosa

<sup>9</sup> Murtosa é um pequeno concelho pertencente ao distrito de Aveiro, dividida em dois pela ria, tem como seus limites o concelho de Estarreja, Ovar e Albergaria-a-Velha. É uma zona fresca e desabrigada dos ventos, de terrenos planos e pouco arborizados. As actividades mais importantes são a agricultura, que é feita à base do milho e as fainas características da ria: a pesca e colheita de bunho e junco (materiais utilizados para fazer esteiras que muitas vezes serviam para dormir e cobrir os cereais).

<sup>10</sup> A arte xávega é uma pesca artesanal feita com rede de cerco e o seu equipamento é composto por um longo cabo com flutuadores. Antigamente a recolha era feita com a ajuda de juntas de bois e força dos homens, actualmente por tracção mecânica, é ajudada por tractores.

Dentro deste grupo à qual podemos então dar o nome de casas da Murtosa, existem características que as diferenciam umas das outras e assim dentro deste conjunto, conseguimos criar três tipos, que de seguida iremos exemplificar.

Hoje em dia são criadas réplicas do que é a tradição, mas em maior parte dos casos, somente o aspecto exterior é mantido na sua originalidade, sendo o interior adaptado às necessidades actuais.



Figura 8 - Réplicas de casas tradicionais da Murtosa

Como mencionou Humberto Beça, num dos seus artigos, a arquitectura na Murtosa vai passar por alterações crescentes até aos nossos dias, primeiro devido à "grande fecundidade da mulher murtoseira"<sup>11</sup>, que fez com que houvesse um aumento significativo do número de filhos por casal, o que em tempos influenciou a habitação, outros dos factores foi também a emigração, onde podemos ver a alteração que a circulação da população murtoseira, para fora de Portugal e para outras cidades do país, causou no território, nomeadamente a emigração para o Brasil, Estados Unidos da América e Venezuela, provocaram na paisagem mudanças.

Hoje começa a verificar-se um aumento do número de "Casas Alpendre" novas, recuperadas e a utilização de algumas das suas características em casas modernas.

---

<sup>11</sup> Humberto Beça in "A Casa Portuguesa: Evolução da habitação na Murtosa." Consultado a 26.06.16. [http://www.cm-murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id\\_object=2484&divName=661s706&id\\_class=706](http://www.cm-murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=2484&divName=661s706&id_class=706)

### 3.1.1. Tipo um

Este tipo é o mais simples e carente de todos, consta apenas de um corpo rectangular onde podemos encontrar todas as repartições da habitação, como a cozinha com forno adjacente, a sala e dois quartos com pequenas dimensões que se situam na frente e entre eles um espaço que dá origem ao alpendre.

A cobertura deste tipo de casas é composta por quatro águas, duas que dão para as fachadas maiores e mais largas na zona traseira e dianteira, e outras duas, mais pequenas e triangulares que dão para as fachadas de topo.

A fachada onde se situam as aberturas de luz dos quartos e o alpendre é coberta pela continuação do telhado, por isso estas divisões têm o tecto inclinado, o que as diferencia do resto da habitação.

Hoje em dia, é difícil encontrar este tipo de casas, pois foram as primeiras construções. Em passeio pelo concelho, não conseguimos distinguir nenhuma habitação deste tipo, mas é ainda uma incógnita porque muitas delas estão escondidas por grandes portões e muros e os seus proprietários são na maior parte emigrantes, deste modo dificultou o acesso às mesmas.



Figura 9 - Planta tipo de casa do tipo um

### 3.1.2 Tipo dois

Este segundo tipo é como se fosse uma reorganização do espaço perante o primeiro tipo. Neste, é acrescentado um volume nas traseiras, que em relação ao corpo central se desenvolve de forma simétrica, sendo este só e apenas um acrescento e o existente no tipo um, mantendo-se com os mesmos espaços.

A casa no tipo dois fica então formada por três corpos, o corpo frontal mais estreito onde se situam os dois quartos e entre eles o alpendre; o corpo do centro que é o corpo principal onde continua a situar-se a sala e neste tipo é acrescentada a despensa; o corpo da retaguarda,

que assim como o frontal é estreito e é onde estão duas alcovas<sup>12</sup> alinhadas com a sala e a abrir para esta, a cozinha no mesmo alinhamento que a dispensa e também com abertura para esta.

A despensa, que também se pode dar o nome de sala do meio, toma o lugar da cozinha e ganha a função de local de arrumação, contigua à sala. Cada uma das alcovas tem uma janela, um postigo pequeno e alto que dá privacidade aos moradores e afasta os olhares do exterior.

A cobertura, assim como no tipo um, tem o mesmo tipo de comportamento, ambas as águas maiores cobrem os três corpos. É característica do local, o beiral ser uma linha quebrada, este segue a morfologia da habitação e inclina aquando o aparecimento dos corpos mais estreitos, os corpos laterais.

Neste tipo de casas, o alpendre é na generalidade maior que no tipo que falamos anteriormente e continua a ser suportado por pilares. Na retaguarda, as alcovas e a sala que começaram a ganhar forma neste tipo de casas, passaram a ser uma das marcas mais fortes nas casas desta região, mesmo nas casas que já não apresentam a “velha” característica das casas de alpendre.



Figura 10 - Planta tipo de casa do tipo dois

---

<sup>12</sup> Alcovas são espaços com dimensões bastante restritas destinadas a vários efeitos, tanto servia como espaço de armazenamento como, mais habitualmente, de quarto de dormir.



Figura 11 - Exemplo de habitação do tipo 2 com alterações, na freguesia do Bunheiro

### 3.1.3. Tipo três

É com grande frequência que ao percorrer os caminhos do concelho damos conta da quantidade de habitações que existem correspondentes a este tipo.

Este é mais desenvolvido que os anteriores e é composto por dois corpos, um que contém uma casa igual à do primeiro tipo, e outro que é um acrescento de uma parcela ao existente. Esta parcela é o local onde agora se albergam a sala e as alcovas ao fundo e é um edifício com uma altura superior.

Em muitos casos, esta parece ser de uma construção mais recente, posterior ao resto da habitação, contudo poderão existir exemplos em que a construção foi feita em paralelo e assim os edifícios datam da mesma altura. As fachadas funcionam em planos distintos e o corpo mais recente corresponde ao principal elemento gandarês de janela-porta-janela e está ligeiramente avançado sobre a fachada do elemento de tipo um. Neste caso podemos notar algum tipo de ostentação do proprietário que de facto deu mais importância e destaque ao local que alberga a sala e fez a construção mais à frente do tipo básico e com mais altura.



Figura 13 - Planta tipo de casa do tipo três



Figura 12 - Casa do tipo três na freguesia do Monte



Figura 14 - Casa do tipo três na freguesia do Bunheiro

### 3.2. Modos de construir e espaços característicos - Aspectos gerais

Estas habitações sempre foram uma forma de identificação desta região. As paredes de adobe eram um elemento com uma enorme carga e importância nestas casas, pois, eram paredes-mestras reforçadas com pedras de grandes dimensões de modo a suportar toda a estrutura e ganhar mais resistência.

O adobe é utilizado desde o início destas construções e era essencialmente composto por materiais naturais, retirados das proximidades dos locais onde iriam ser feitas as construções, assim como o seu processo que era totalmente feito por métodos que dependem do meio natural, e elaborados no local de implantação da habitação. O barro amaçado transmite ao adobe a matéria que, depois de moldado em formas feitas de madeira, seco ao sol e ligado com argamassa de cal e areia, ganha força e forma para suportar a estrutura de toda a habitação.

Como referimos anteriormente o adobe era composto com materiais que a terra oferecia, então o barro era aproveitado de terrenos salobros<sup>13</sup> às margens da ria onde nascia o pasto e o junco. As argamassas de areia branca de Esgueira que eram trazidas por barcos, que entravam na ria no estreitamento que existe entre S. Jacinto e a praia da Barra e seguiam caminho até à Murtosa.



Figura 15 - Mapa representativo do percurso feito para o transporte de areias brancas. Esgueira - Murtosa.

No interior, os materiais utilizados eram os mesmos que exteriormente, mas trabalhados de forma diferente, mais cuidados, as paredes revestidas com argamassa de cal e areia tanto no

---

<sup>13</sup> Salobro é a designação que se utiliza quando existe uma mistura de água salgada com água doce.

interior como no exterior. O mesmo material era utilizado nas casas mais recentes e estas substituíam o barro por adobes de cal e areia.

Raras eram as portas e janelas que não eram ornamentadas, mas à retaguarda da habitação, na parte mais escondida de quem passa, os postigos normalmente não tinham qualquer ornamentação.

Estes elementos eram normalmente brancos, enquanto que as paredes das casas já eram pintadas com outras cores, sendo o cinzento a cor mais frequente. O telhado era normalmente de telha a que dão o nome de telha Fontela, que é o mesmo que telha caleira, e derivado às diferentes estruturas das casas, então varia consoante as diferentes formas, que variam, segundo o tipo. Mais recentemente, falando num passado pouco próximo, começou a ser utilizada a telha marselha.

Nas construções mais antigas, ainda em adobe de barro, os caboucos<sup>14</sup> tinham cerca de 50 centímetros de profundidade, os alicerces estavam fora do solo cerca de 20 a 30 centímetros e eram geralmente de lousa ou pedra vermelha<sup>15</sup>.

### 3.2.1. O alpendre

O alpendre, de dimensões proporcionadas tem um aspecto acolhedor. Este é um elemento que define a verdadeira linguagem destas habitações e ainda hoje é visível nas réplicas construídas. Antes, era a verdadeira entrada da habitação. Por ele era onde se fazia o acesso directo para a eira à qual apenas existia a separar um pequeno muro a que os mais antigos dão o nome de poal.

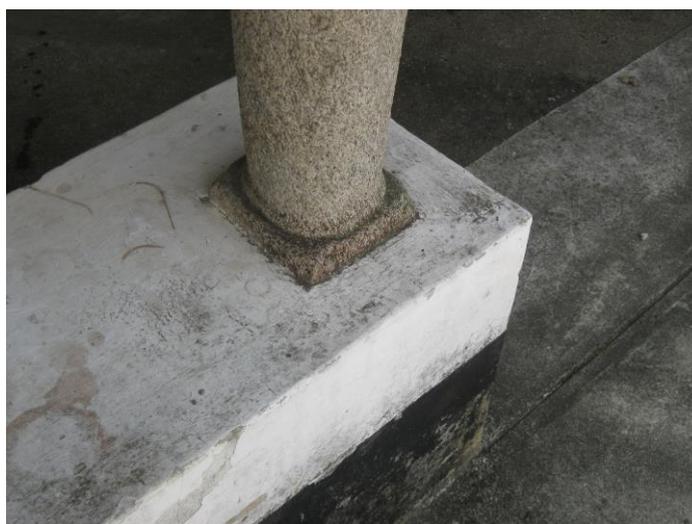


Figura 16 - Poal, Casa museu Custódio Prato

---

<sup>14</sup> Escavações onde são assentes os alicerces das habitações.

<sup>15</sup> A pedra vermelha utilizada para os alicerces das habitações era trazida de Eirol. Eirol é uma pequena freguesia do concelho de Aveiro.

É no poal que estão assentes os pilares que sustentam o telhado que acaba no alpendre. Este pequeno muro, tanto antes como agora, não é uma peça inteira, normalmente são criadas duas aberturas, uma em cada lado, de modo a criar ligações da casa para a eira. Quando os alpendres são de pequenas dimensões não são necessárias pilares, a pequena largura não cria instabilidade no telhado e este auto suporta-se.

Porém, antigamente, nas casas mais pobres não existia poal e o telhado era suportado por esteios de granito ou prumos de madeira que assim substituíam os pilares. Nos alpendres mais pobres o pavimento era geralmente em terra batida, contudo, a maioria era pavimentada com tijoleiras ou uma pedra cinzenta.

As funções do alpendre eram inteiramente ligadas ao sector da agricultura, por isso o alpendre servia para guardar os cereais e alimentos que eram secos na eira. Para resguardar o alpendre da chuva, eram usadas esteiras de madeira que ficavam presas às colunas. De modo a reutilizar e poupar a água, quando chovia, a água que caía no telhado do alpendre era guardada para mais tarde ser reutilizada.

Sendo, o alpendre uma entrada principal na habitação, este dava acesso à sala e à cozinha, dependendo do tipo de casa e da sua estrutura. Hoje em dia, o alpendre pode ser também uma das entradas principais da habitação e o seu acesso depende da organização interior.

Este espaço é útil e essencial nas várias alturas do ano, no Verão é um bom regulador do calor, cria sombras e protege do sol, durante o Inverno, mesmo que o sol ande mais baixo, não é impedimento para a entrada de luz.

Segundo Raul Lino, “o esquecimento do alpendre (tão útil como agradável feição da nossa casa) no decorrer do século passado, deve atribuir-se não tanto à razão da economia, mas sim à certa insensibilidade e falta de critério dos proprietários que desconhecem a rara delícia que para a vida caseira representa o alpendre”.<sup>16</sup>

### **3.2.2. Cozinha**

A cozinha é o espaço de reunião familiar, sabemos que esta é uma definição de tempos antigos, mas hoje ainda é normalmente utilizada, pois é nela que se preparam as refeições e em alguns casos é também local de serem feitas. Neste tipo de casas, é geralmente térrea. A

---

<sup>16</sup> LINO, Raul (1992). Casas Portuguesas, alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples. Livros Cotovia, Lisboa 1992. Página 35.

entrada de luz para esta divisão era apenas feita por pequenos postigos para a zona traseira da habitação.

Grande parte das cozinhas não possuía chaminé, então o fumo era expulso por um pequeno respiro, que era feito pelo levantamento de algumas telhas, quatro ou cinco no máximo. Porém, a chaminé é um elemento tradicional muito importante na identidade destas casas e nesta região. A sua saia estreita para cima era feita com adobes e no exterior, ela era terminada com um “chapéu” de telha ou tijolo, onde por baixo era a abertura para o respiro.

Num lugar da freguesia da Murtosa, o Monte, as chaminés eram elaboradas e cuidadas com elegância e limpeza, o que demonstrava grande preocupação com a estética deste elemento, hoje em dia este tipo de tratamento já foi um pouco colocado de parte e a chaminé acabou por ganhar uma forma simples, somente as habitações que seguem a identidade e a originalidade, são donas de uma chaminé elaborada e cuidada.

Com isto, a chaminé só era precisa se na habitação houvesse lareira, e esta noutros tempos era elemento indispensável numa casa. A lareira situava-se sempre num dos cantos da cozinha, fica ao nível do chão ou em alguns casos ligeiramente mais alta, a sua materialidade foi variando ao longo do tempo, mas o barro, que era utilizado, ainda hoje se pode ver em algumas casas, ao invés da pedra de granito que raramente é utilizada.



Figura 18 - Chaminé da lareira da cozinha, Casa museu Custódio Prato.



Figura 17 - Exemplo de cozinha e sua disposição, Casa museu Custódio Prato.

O forno, era e é, um elemento com um grande peso na tradição, ainda hoje muitas casas recorrem ao tradicional para saborearem os pequenos prazeres da vida. Está sempre adjacente à lareira, e era construído num compartimento à parte, geralmente fora da cozinha, mas sempre coberto por uma construção, a sua boca abria sempre para a lareira.

Mas ao contrário do que todas estas características indicam, a cozinha não era utilizada para a preparação das refeições, então este espaço mantinha-se estimado e esmerado e servia de

local de costura e outros tipos de trabalho. Para a elaboração de refeições existia uma cozinha secundária, construída imediatamente depois da casa, à qual se dá o nome de cozinha velha, onde antigamente se cozinhava, comia e se rezava, depois de serem feitas as refeições. Hoje em dia, as casas dispõem normalmente de apenas uma cozinha, e foi-se perdendo o carácter religioso de cada compartimento.

### 3.2.3. Sala

A sala era, em tempos, o centro da habitação, era na sala onde existia a maior ostentação de luxo, hoje em dia a sala é um espaço com grande importância também, pois é nela que se recebem, normalmente, os convidados.

O tecto era liso e forrado, e nas casas com mais antigas era decorado com pinturas. Na maioria das habitações o chão da sala era de soalho.

Este espaço, para além de ter as portas para os quartos, alcovas e também para o alpendre, nas casas de tipo um, as mais simples, tinha também um postigo para a fachada lateral. Já nas casas de tipo três, as salas estavam situadas no corpo mais alto, adjacente ao simpres com alpendre, e tinham uma porta que dava acesso directo, acompanhada por duas janelas.

Nas casas do primeiro tipo, são de notar alguns pormenores que podemos observar de forma particular. Nas paredes traseiras da sala, havia uns vazios embutidos, a que dão o nome de copeiras, e que em alguns casos iam até ao chão e eram ornamentadas com “bonitas” madeiras trabalhadas e pintadas. O mobiliário era geralmente pouco e era habitual nos móveis existirem inscrições e imagens religiosas de modo a enaltecer o espaço.

Antigamente, a sala não era utilizada para quaisquer funções, era um espaço principalmente destinado a cerimónias, assim como a visita pascal; acções fúnebres, aquando morrem elementos da família; casamentos; etc. Era, assim, a divisão mais importante de toda a casa.

Estes aspectos de carácter religioso eram também, em tempos, revelados noutras localidades do nosso país. Mais a Norte<sup>17</sup> de Portugal a religião assumia um papel muito importante no funcionamento da casa e da vivência da família, assim a sala assumia um papel de espaço religioso e era, a cima de tudo, utilizada para receber o compasso pascal.

---

<sup>17</sup> As salas das casas de Esposende, da Maia, etc. Tinham uma finalidade cerimonial idêntica, marcada pela ostentação do espaço, a decoração e o luxo, e também por um espaço com um pequeno santuário como elemento central.

Mas, porém, era na Murtosa que a sala atingia um nível e uma designação específica, aqui, a sala principal era claramente chamada como a Sala do Senhor, deste modo invocava mais firmemente a religião. Porém, estes factores não eram de acontecimento diário, o que faz da sala um espaço inutilizável, assim, servia também para guardar caixas de cereais, e quando não era utilizada para cerimónias, era um local de arrumos, o que sem invalidar o seu carácter cerimonial, mostra que era uma divisão reservada.



Figura 19 - Sala do senhor, Casa museu Custodio Prato

### 3.2.4. Sala do meio

Esta divisão funcionava como um espaço de transição da sala principal para a cozinha, daí a sua denominação de sala do meio. Também se dava o nome de despensa a esta repartição, o que faz sentido, pois este era um local de arrumação muito importante para a organização da casa. Era aqui que se armazenavam as caixas de cereais, é também de salientar que esta sala só começou a aparecer e ter importância nas casas de tipo dois e três e também nas de maiores dimensões.

### 3.2.5. Quartos

Estes espaços, de descanso, juntamente com as alcovas tinham ambos os tectos forrados e com soalho. Os da frente, que eram a continuação do alpendre, possuíam os tectos inclinados e uma pequena janela, virada para a eira, com portadas no interior. Já os outros tinham os postigos mais altos, maior parte das vezes com folhas de um único vidro, ou frestas apenas com portadas.

Os quartos raramente abriam para o alpendre, apesar de a sua relação ser facilmente notada, estes abriam para as salas ou cozinhas.

Estes espaços geralmente tinham dimensões muito pequenas e serviam só e apenas como local de dormir, a noção de quarto foi variando no decorrer dos anos, e nestas casas os quartos apenas tinham uma cama, de madeira ou ferro, e uma arca para guardar alguns pertences. Estas divisões eram pobres assim como o seu recheio. As roupas do dia-a-dia geralmente eram pousadas em cadeiras, nos quartos maiores era possível encontrar um pequeno armário de parede sem portas ou pequenos retiros, onde se guardavam as roupas de domingo e outros pertences com mais importância.

A distribuição dos habitantes pelos quartos era feita de forma restrita, então, os pais dormiam num dos quartos abertos para a sala, no outro dormiam as filhas ou então os filhos, se mais velhos, as restantes pessoas com menos importância e que não pertenciam à família organizavam-se pelas outras divisões.



Figura 20 - Exemplo de organização de quartos, Casa museu Custódio Prato

## Capítulo 4 | Caso específico

Falemos agora sobre “a casa”, um exemplar das casas da Murtosa. Situada no concelho da Murtosa na freguesia do Bunheiro.

Hoje degradada, antigamente era uma casa de família. Viviam da agricultura e por isso o espaço está adaptado ao que lá se vivenciou. Ao longo dos anos foi sempre sofrendo alterações que de certo modo lhe causaram modificações, sem nunca lhe roubarem a verdadeira identidade e originalidade, mas, estas alterações foram apenas feitas nos currais e na área à volta da habitação. Contudo, a habitação em si está intacta e os proprietários conseguiram manter a sua singularidade a todos os níveis.

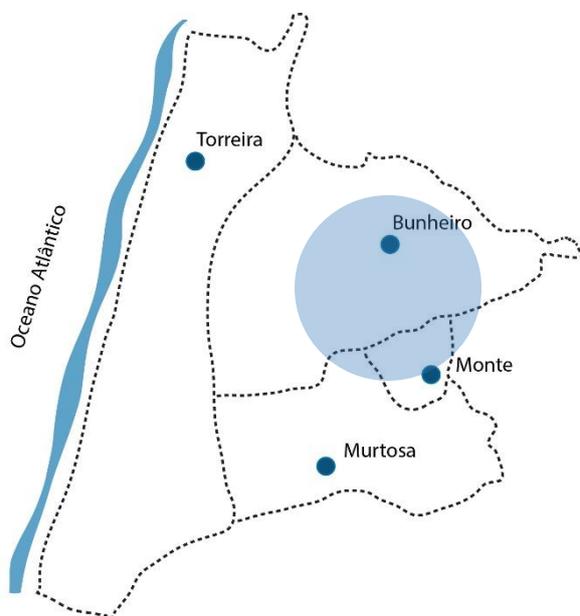
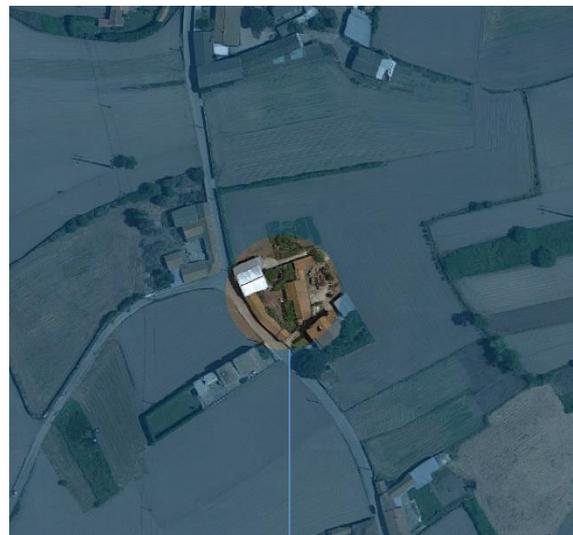


Figura 21 - Mapas de localização da habitação



Freguesia do Bunheiro, Rua do Feital.

### 4.1. Organização do espaço

Após termos estudado de forma aprofundada o tema, percebemos que esta é uma típica casa da Murtosa e chegamos à conclusão, mais objectiva, que é considerada uma casa do tipo dois, pois a sua distribuição interior e todos os aspectos do exterior remetem-nos para isso mesmo.

No entanto, com algumas particularidades, mas com semelhanças suficientes para ser entendida a sua origem. Esta é composta por uma cozinha, uma despensa, cinco pequenos quartos ou alcovas, uma sala e uma sala do senhor.

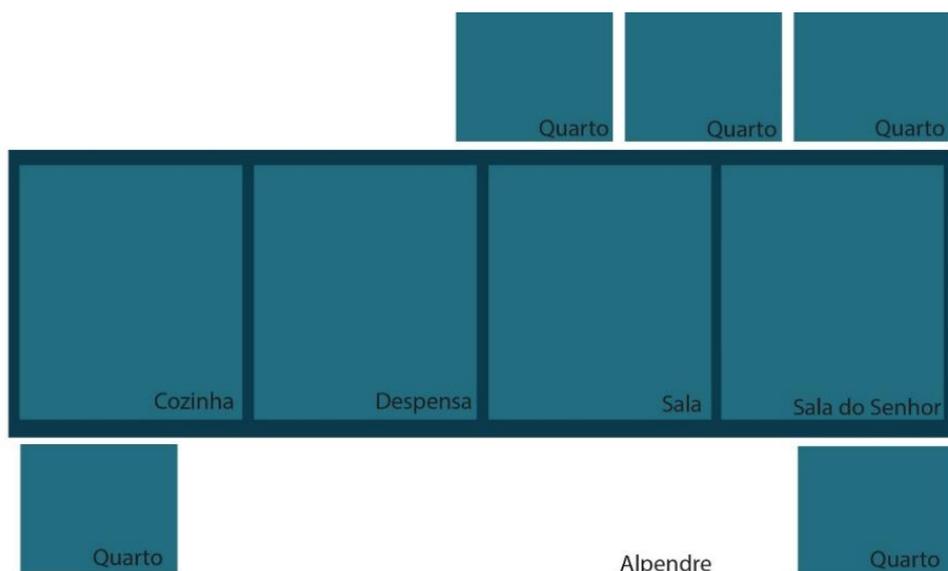


Figura 23 - Esquema simplificado do interior da habitação

A sua organização interior é estruturada de forma linear e as divisões estão dispostas num seguimento contínuo. A cozinha, a despensa e as duas salas, estão ordenadas de forma sucessiva e os quartos são apenas acrescentos às divisões centrais e sociais.

A cozinha, assoalhada, foi sempre o local onde se preparam as refeições nesta casa de família. A lareira está situada a um canto do espaço e a sua base tem cerca de 20 centímetros de altura, mais que a cota do pavimento normal, para a lareira abre um forno, cuja construção está feita no exterior da habitação e que era usado apenas ao domingo e nos dias de festa. De cada lado da lareira existe uma pequena janela, com a caixilharia em madeira e vidro simples, que fazem a ventilação de todos os fumos nesta área.

A cozinha é também local de transição, esta faz a ligação do exterior para o interior; tanto do alpendre para a cozinha, como da cozinha para as traseiras da habitação. É também o ponto de partida na entrada da casa e está interligada com as outras repartições do espaço.

Este espaço tem acesso directo à despensa da casa, esta é uma zona pouco cuidada da casa, e tem apenas prateleiras e arcas onde em tempos eram guardados os cereais. Quando olhamos para o tecto, são visíveis as vigas de madeira, este não tem qualquer laje e as telhas permitem a ventilação do espaço, tem também acesso directo às traseiras, por uma porta tosca de madeira simples, o que intensifica o pouco cuidado e atenção com este espaço.

Se continuarmos em linha recta, de seguida vamos encontrar a sala, este é um espaço mais tratado e mais organizado que o anteriormente referido, o tecto em madeira e minimamente

ornamentado, o pavimento de soalho e o recheio bem mais rico e cuidado que a cozinha e a despensa.

É possível a entrada para a habitação ser feita por esta sala, pois ela tem uma porta que abre para o alpendre. Adjacente a esta sala está também uma alcova ou quarto, com dimensões especialmente pequenas, que em tempos serviu como quarto da criada da casa, nesta repartição cabe apenas uma pequena cama de madeira, que ainda hoje lá se encontra, ornamentada com imagens religiosas.

Neste seguimento, chegamos ao fim, onde encontramos a sala do senhor, esta, como já foi explicado anteriormente, é das divisões mais ornamentadas de toda a casa, o tecto trabalhado e é também um espaço com maior ostentação no que diz respeito à decoração do espaço. Este, apesar de ser o sítio mais cuidado de toda a casa, é o menos utilizado, pois só é usado em ocasiões religiosas. No entanto, neste caso em particular, é local de passagem pois é nele que se fazem acessos para três quartos situados nesta fracção da casa, e também para o exterior, esta sala dá acesso ao alpendre e assim fica com a função de zona de entrada na habitação.

Os quartos são todos eles de pequenas dimensões e como se vê no esquema são apenas acrescentos ao que podemos chamar núcleo central. Todos eles são iluminados e ventilados por pequenos postigos com caixilharia em madeira e apenas uma folha simples de vidro. Os tectos dos quartos são forrados a madeira e derivado ao local onde estão implantados, os quartos ou alcovas tem os tectos inclinados.

Adjacente à parcela habitacional existe um coberto que hoje foi fechado e os proprietários utilizam como uma pequena estufa, logo a seguir a isto podemos encontrar uma garagem com as paredes caiadas de branco e um grande portão de madeira escura com duas portas, a ventilação deste espaço é feita por pequenos rasgos na parede da parte traseira. O alpendre é o elemento que confere realmente a identidade a esta casa, é um espaço intermédio que serve de ligação do exterior para o interior e podemos conferir-lhe função de mediador do espaço, pois serve como local de chegada e partida.

Podemos dar continuidade ao tema dividindo este espaço em duas partes distintas, visto que esta casa está dividida em dois sectores. A zona habitacional e a zona agrícola, e estão as duas separadas por um pátio central com o chão em terra batida, hoje é o sítio onde os animais de pequeno porte andam à solta. Este pátio interior confere à casa a sensação de claustro, o que lhe dá mais privacidade.

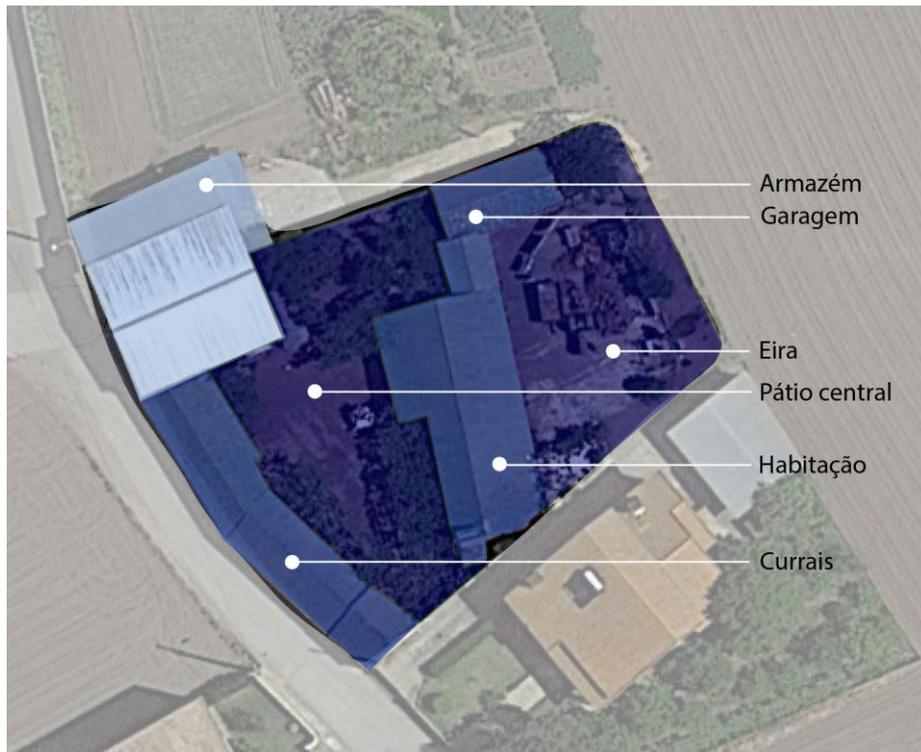


Figura 24 - Identificação de espaços

A zona agrícola, situada nas traseiras da parte habitacional, é composta por uma linha de divisões com variadas funções, desde adega, a currais e a espaços para serem guardados os alimentos para os animais e as alfaías, esta zona serve principalmente a agricultura.

Aqui, o cuidado com as paredes é de todo renegado, e estas não estão rebocadas, com o passar do tempo o envelhecimento dos materiais obrigou à troca de novos, então hoje, algumas paredes dos currais são em tijolo, deixaram de ser em adobe.

Adjacente a isto, existiu em tempos um portão, voltado para a rua que dava acesso ao pátio que divide as duas zonas, hoje, os proprietários construíram novas infra-estruturas, um armazém de guardar farinhas para os animais, fazendo assim com que o lugar perdesse um pouco da sua identidade. É nossa função, alterar isso e reavivar a identidade do lugar.

## 4.2. Materialidade

À base de adobes, esta construção remete-nos para o ano de 1860. Hoje em dia, conseguimos decifrar qual a natureza dos materiais, pois o mau estado de conservação faz com que haja deterioramento das paredes em algumas zonas e também com que sejam visíveis as camadas dos vários materiais que as constituem.



Figura 25 - Poal

É visível a diversificada quantia de materiais nesta construção, visto que ao longo dos anos e com o passar do tempo, a casa foi pedida reformas em variadas zonas, e a evolução dos materiais não permitiu a originalidade dos mesmos.

A estrutura da casa é maioritariamente feita em madeira. As paredes estão revestidas com argamassa de cal e areia, tanto no exterior como no interior do edifício e os adobes que as constituem são de barro e de areias negras, retiradas do fundo para as margens dos braços da ria, ao que chamamos, o lodo do fundo da ria.<sup>18</sup> Apenas nas construções mais recentes neste espaço, assim como a garagem, os adobes são de cal e areia, areia trazida das praias vizinhas.

*“O uso da cal é ainda especialmente indicado no litoral, onde é costume estendê-la a cobrir todo o telhado como protecção contra a humidade salgada do mar”.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Segundo a definição formal do dicionário Priberam, o lodo são sedimentos terrosos que se encontram no fundo das águas. Pesquisa elaborada a 20.07.16.

<sup>19</sup> LINO, Raul (1933). Casas Portuguesas, alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples. Livros Cotovia, Lisboa 1992, página 65.

O chão da habitação, no interior, é na sua maioria assoalhado. No exterior varia, pois no pátio central, onde existem animais, este não é tratado e capacita até o crescimento de algumas plantas que mais tarde poderão vir a ser destruídas pelos próprios animais. O chão da eira, voltado para a entrada principal da casa e que dá acesso ao alpendre é coberto com o que chamamos de cimento grosso, não peneirado.

Em toda a casa a madeira é o material de eleição, devido à altura da sua construção era dos únicos meios mas acessíveis, quer seja como elemento estruturante, que seja como nas caixilharias das portas e janelas, e até nos tectos a madeira está presente, seja trabalhada e ornamentada ou apenas simples.



Figura 26 - Elementos em madeira na habitação

Em todas as divisões, existe pelo menos uma entrada de luz, as janelas desta habitação são pequenas e simples, com apenas uma folha de vidro e com a caixilharia em madeira pintada, assim como o peitoril. A abertura das janelas é feita em guilhotina e no seu interior é fechada por duas pequenas portadas que protegem o interior das temperaturas e da luminosidade do sol.

Na primeira visita feita à habitação, achamos interessante a forma das janelas, estas afunilam um pouco, de dentro para fora, o que cria um certo dinamismo na simplicidade do espaço e do próprio objecto. Também as portas são simples e feitas na mesma madeira que as janelas.

A telha utilizada nesta casa varia entre a telha marseilha e a telha fontela<sup>20</sup>, nos espaços que já foram reabilitadas e arranjados ao longos do anos, a telha é mais actual, então é utilizada a marseilha, mas nos currais e na garagem, por exemplo, ainda é a telha original e a mais utilizada na zona da Murtosa, a telha fontela, recortada nos cantos de modo a criar um vértice na união de duas águas.



Figura 27 - Telha fontela

Os currais são espaços pouco tratados, e por isso ao longo do tempo foram poucas as alterações que sofreram. São espaços pequenos, não estão rebocados e em muitos dos casos nem porta possuem. Durante o dia os animais andam fora, no pátio central, onde o chão é em terra e de onde em onde crescem pequenas ervas que servem de alimento para os animais de pequeno porte. Este pátio sempre teve esta função, sempre foi o espaço destes animais e da “pilha do mato”<sup>21</sup>.



Figura 28 - Pilha do mato

<sup>20</sup> Telha fontela, nome dado à telha caleira.

<sup>21</sup> Monte de mato. O Mato, tem o mesmo papel que a palha e serve para aconchegar e dar mais conforto aos animais nos currais, os agricultores faziam montes com o intuito de não perder espaço na “eira”.

O poal é de grande comprimento, pois está construído ao longo de todo o alpendre. O muro baixo, que suporta o telhado, é interrompido criando assim uma entrada a mais que o normal para o alpendre, este suporta a água do telhado com cinco pilares e cria três entradas para alpendre.



Figura 30 - Alpendre



Figura 29 - Eira e garagem



Figura 32 - Poço e tanque



Figura 31 - Terrenos contíguos à eira



Figura 33 - Alpendre



Figura 34 - Traseiras da área habitacional

# Capítulo 5 | Memória descritiva e conclusões gerais

## 5.1. Memória descritiva

A casa é, nem mais nem menos, um pouco do reflexo de quem nela habita, é o nosso limite visível e o espaço onde finalmente mostramos e, conseqüentemente, criamos laços e raízes. A casa como edificado é nossa, mas no que diz respeito ao valor pessoal, somos nós que pertencemos àquele lugar, estabelecemos fortes relações com o que julgamos ser o nosso refúgio.

“ (...) As casas são como as pessoas. A frase é banal, outras são mais rebuscadas. Mas é uma espécie de segunda pele. Quer dizer, as pessoas têm uma alma interior, mas também têm uma alma exterior. Não é por acaso que, quando eu faço assim ou assim, estou a incomodar-te e não te estou a tocar. Portanto, há uma atmosfera, uma energia em que as pessoas se revêem na sua identidade. Quer no corpo, quer na roupa, quer nas casas. Portanto, as casas são como as pessoas: diferentes, manipuláveis, mexem-se.”<sup>22</sup>

Com isto, não podemos perder o que um dia foi “a casa”, as nossas origens, os modos de habitar e a verdadeira arquitectura local são aspectos fundamentais para nunca deixarmos que se perca o que fez crescer a cultura arquitectónica do lugar.

A presente memória descritiva e justificativa está relacionada com a proposta de uma reabilitação de uma casa tradicional da Murtosa, no distrito de Aveiro, concelho da Murtosa e mais precisamente na freguesia do Bunheiro. O local para a reabilitação, foi escolhido por ser um espaço com áreas circundantes agradáveis e com dimensões capazes de receber qualquer alteração para a proposta.

As características deste espaço e o facto de se encontrar longe do centro urbano, permitiram à proposta ganhar outras dimensões e captar todo o ambiente calmo envolvente. Neste sentido é importante sublinhar que a reabilitação desta habitação é um impulso para não permitirem a perda da identidade local. Este é um factor bem presente no concelho, como já referimos anteriormente, é bastante regular encontrarmos casas totalmente degradadas, sem o mínimo interesse dos proprietários para a reabilitação das mesmas, o que empobrece a região.

---

<sup>22</sup> LACERDA LOPES, Carlos Nuno, (2012). Arquitectura e modos de habitar 01, Conversas com Arquitectos - Eduardo Souto Moura. Edições CIAMH. Contracapa.

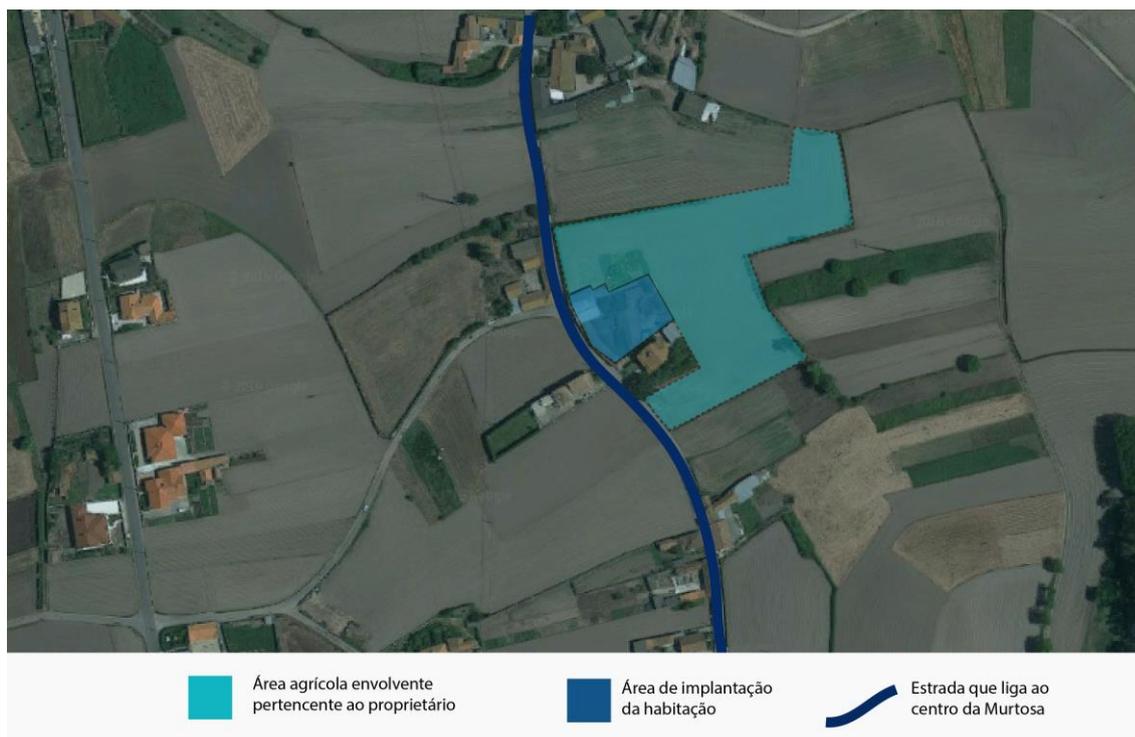


Figura 35 - Localização e envolvente

### 5.1.1. Programa e Funcionalidades

Após esta investigação compreendemos os vários problemas e necessidades que a proposta deveria responder, principalmente no que diz respeito à falta de determinadas divisões necessárias para o bom funcionamento de uma casa, sejam estes aspectos relacionados com o interior mas também com o exterior. Nesse sentido, todo o conteúdo programático tem como base as necessidades para a construção de uma casa, dos dias de hoje.

O programa destinado a este projecto, tem em atenção as circunstâncias no qual está inserido, não só com o objectivo de servir a funcionalidade a que se propõem, mas igualmente, e como já foi referido ao longo da dissertação, ajudar e chamar a atenção à reabilitação e revitalização da cultura local como elemento arquitectónico que faz parte da identidade do lugar. A proposta do projecto de reabilitação desta habitação tradicional da Murtosa tem como base alguns elementos e especificações fundamentais: a criação de um elo de ligação entre todos os espaços; a relação entre diferentes materiais sejam estes antigos ou mais recentes; a relação do existente com as alterações da proposta e a relação habitante-casa.

Perante estes elementos fundamentais, que nos permitem entender todas as necessidades e todos os aspectos importantes a ter em atenção para a proposta, foi necessário definir espaços e legar a cada área a sua função. Deste modo, tomámos a opção de manter todo o edificado e unificar a zona agrícola e habitacional, podendo assim prolongar a área habitacional e completar esta habitação com todas as necessidades.

De modo a unir estes dois volumes, é proposto um corredor que serve como elo de ligação entre os dois espaços. Este novo elemento implementado, vem unir os dois já existentes e dar ao espaço um carácter mais contemporâneo, criando assim uma barreira de mais privacidade para a habitação. Deste modo a configuração do edificado ganha um acrescento e consecutivamente uma nova forma, podemos afirmar que esta habitação tem uma configuração que nos lembra um “U”.

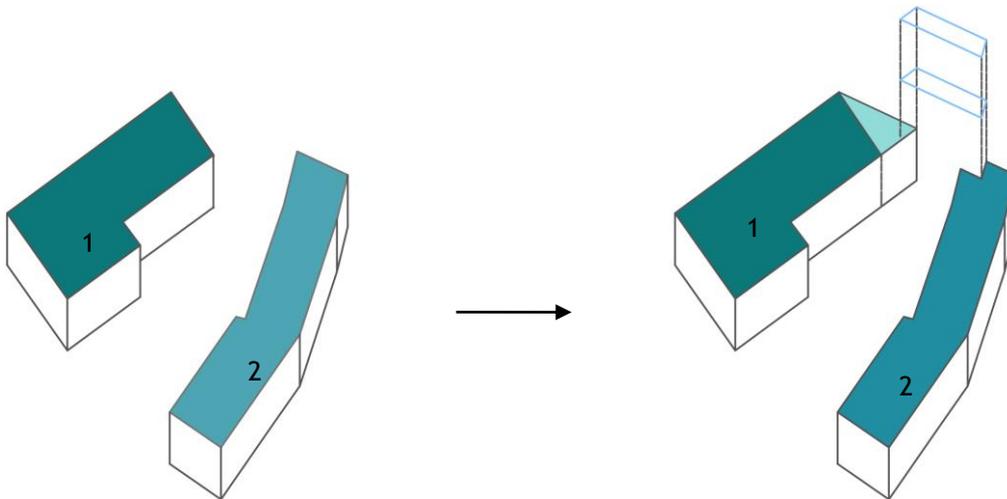
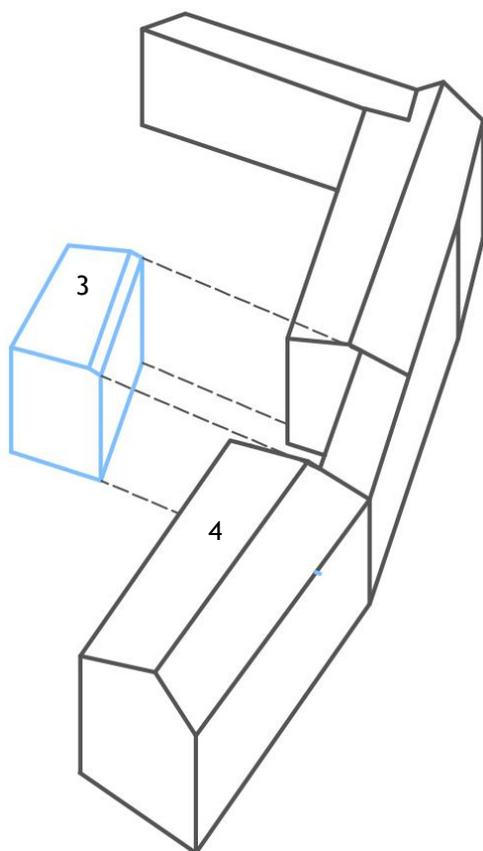


Figura 36 - Esquema de união dos dois volumes

Com esta união estabelecida pelo corredor, o corpo 2 assume-se de forma diferente perante a organização formal. Propomos assim, para este volume, um conjunto de quartos e instalações sanitárias, acompanhados por um extenso corredor e interrompido por um corte criado no edifício, que dá lugar a um pequeno pátio e assim ventila e ilumina toda essa área de acesso aos quartos, o corte tem lugar para uma janela protegida por um alto ripado de madeira que modera a luminosidade, tem também uma porta de vidro que dá acesso ao exterior, a uma pequena extensão de *deck* compósito que estabelece ligação para o exterior através da diferenciação de materiais. Este pequeno espaço dá privilégio ao quarto completo que se situa distanciado dos outros, tomando assim o carácter de um espaço mais reservado e particular, numa divisão diferente.



- 3 - Elemento retirado, correspondente à área do pequeno pátio;
- 4- Parcela do quarto completo.

Figura 37 - Pequeno pátio na intersecção dos espaços

No volume número 1 (figura 36) à qual fazem parte as zonas públicas da habitação, é onde estão situadas as divisões de reencontro familiar da casa, são estas: a cozinha, acompanhada de uma antecâmara que serve de entrada secundária para a casa e também de uma pequena lavandaria e uma despensa; a sala de estar e de jantar, acompanhadas de uma instalação sanitária “escondida” por um móvel que cobre toda a parede; uma pequena sala de estar, à qual damos o nome de sala da lareira e por fim um pequeno espaço de leitura.

Deste modo e depois de descritas as divisões que fazem parte deste volume, iremos especificar a funcionalidade de cada e suas características.

Iniciaremos a descrição pelo elemento que melhor caracteriza este tipo de habitações, é ele o alpendre. Sustentado por cinco pilares assentes num pequeno muro com apenas 0.80cm de altura que se denomina de poal, é com esse mesmo especto que propomos que se mantenha. Sugerimos assim a produção de réplicas dos pilares e o melhoramento do poal, de modo a ficarem mais fortes e resistentes, para assim suportar todo o peso que o telhado deposita nos mesmos.

A cozinha que tomou o lugar da sala do senhor, situado mais a norte, é o espaço de confecção das refeições, está equipada com um elemento central em placas de mármore branco onde se

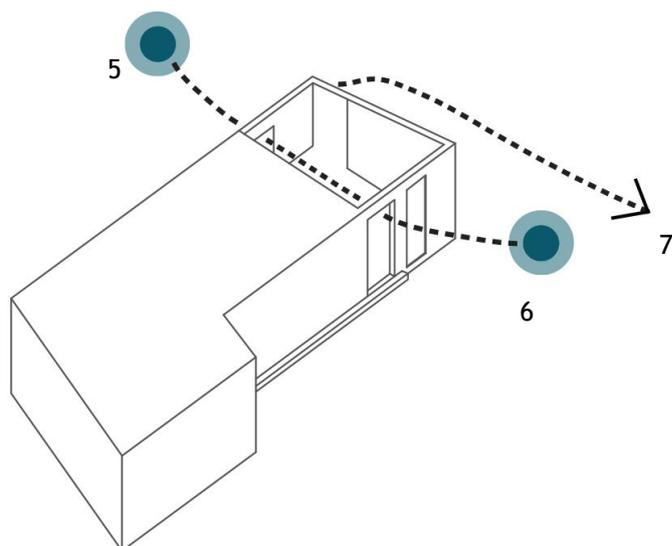
encontram o lavatório e o fogão, juntamente com um pequeno espaço de refeição preparado para receber apenas três pessoas. O mármore branco, que tem o papel de dar mais luz e clareza ao espaço, estende-se até à parede mais a norte, esta está revestida por este material até à altura de 2m, de modo a conseguirmos colocar alguma da iluminação do espaço no topo deste revestimento, com o intuito de dirigirmos a origem da luz sempre na mesma orientação, a norte.

Adjacente à cozinha, e na mesma zona, encontramos três pequenos espaços, uma pequena despensa de apoio à cozinha com 5,42m<sup>2</sup> e com uma área igualmente pequena de 4,90m<sup>2</sup> uma lavandaria e uma pequena antecâmara, com 5,21m<sup>2</sup>, que liga a cozinha ao exterior e serve de entrada secundária para a habitação. Estes três espaços referidos anteriormente tomam o lugar das antigas alcovas e deixam de ser assoalhados para passarem a ter um chão revestido a betão afagado; a escolha deste material foi precisamente por serem espaços que estão em contacto com águas, com o exterior e este ser um material de limpeza fácil.

As salas de estar e de jantar são apenas um espaço, estas tomam o lugar da sala e da antiga despensa, e estão apenas divididas por um móvel com a forma em “L” que tem o seu prolongamento em paralelo com a parede mais à esquerda, este elemento serve de barreira visual para uma instalação sanitária e faz com que esta passe despercebida no local. Todo o pavimento das salas é em soalho, de modo a tornar o espaço mais confortável diminuimos o pé direito com um tecto falso. Estas salas têm acesso para o exterior pelo emblemático alpendre, que ao mesmo tempo serve de mediador entre a relação interior/exterior, mas também modera a iluminação para o interior da habitação, assim, e de modo a conseguirmos mais luz nas salas, foram abertas janelas de sacada no lugar das antigas portas.

A instalação sanitária adjacente a este espaço tem o pavimento no mesmo material que as zonas húmidas antes referidas. Este material nesta divisão ganha outras proporções, é também o material da parede contígua à base de chuveiro e à sanita, sendo estes dois elementos desenhados especialmente para este espaço e também com o mesmo material, dando a percepção de que os revestimentos do chão e da parede e o elemento do chuveiro e da sanita são banhados a betão afagado e tornam-se num só. As restantes paredes deste espaço são revestidas a mosaico biselado de 0.10x0.20cm de cor branca da marca “*Primus Victoria*”.

Para o lugar da antiga cozinha, propomos a sala da lareira, assoalhada, com os tectos revestidos, com placas de gesso cartonado entre as vigas de madeira que estão paralelas à inclinação dos telhados. Este é um espaço de transição pois permite-nos fazer a passagem da antiga eira para o novo pátio dos quartos pelo interior da casa, é também o que une este volume da casa com o corredor que dá acesso aos quartos.



- 5 - Eira;
- 6 - Pátio para os quartos;
- 7 - Percurso do corredor que une os dois volumes.

Figura 38 - Comunicação entre os pátios, via interior

Partilhando um pouco da mesma função desta sala de estar, podemos encontrar no que um dia foi uma alcova, um pequeno espaço de leitura e armazenamento de livros. Este espaço partilha não só a função com a sala da lareira, mas também uma porta de 180°, este é um elemento que delimita o começo e o término de um novo espaço e cria dinâmica entre as divisões. Tanto a sala da lareira como a sala de leitura têm o pavimento a betão afagado, visto que são áreas com ligação directa ao exterior, assim este material permite maior impermeabilidade e é de fácil limpeza, ao mesmo tempo que contrasta com o branco das paredes.

Assim, e dando continuidade ao material, também o pavimento do corredor que une os dois volumes é revestido com o mesmo material e de modo a marcar a ausência da madeira neste novo espaço, os degraus que vencem a diferença de cotas têm o cobertor revestido a madeira de cedro, com placas de 100x30cm, visto que é um tipo de madeira bastante resistente à humidade e de cor mais escura, o pretendido para este espaço. De forma a oferecer luminosidade ao local, ventilação e acesso directo ao exterior, este corredor está equipado com três longas janelas de sacada com a caixilharia em madeira, a dar continuidade ao material originalmente utilizado nas portas e janelas da habitação.

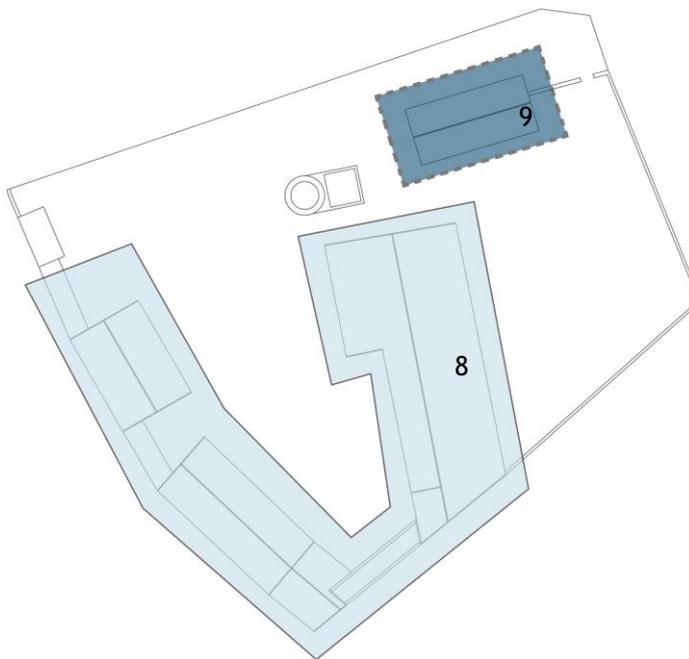
Dando seguimento nesta união dos dois volumes, passamos para aquela que antes era a zona agrícola. Neste espaço propomos um conjunto de quartos acompanhado de instalações sanitárias, os quartos, todos eles assoalhados e acompanhados de janelas de sacada, têm forte iluminação e seguem o mesmo método de revestimento do tecto da sala da lareira, revestido com placas de gesso cartonado de modo a que a inclinação seja visível no interior.

Este volume está provido de um quarto completo, em que a existência da instalação sanitária está oculta pelas portas de correr do roupeiro. Assim como as outras divisões destinadas a

este fim ao longo da habitação, também esta possui um elemento especialmente desenhado para o local, o que concebe ao conjunto de lavatório, sanita e banheira o aspecto de um só elemento de betão afagado, assim como o pavimento. O revestimento das restantes paredes é, como já referimos, feito com mosaico biselado branco de 0.10x0.20, assim como nas restantes instalações sanitárias, que possuem igualmente mobiliário adequado e desenhado para os espaços em questão.

As janelas das instalações sanitárias presentes no volume 2, são de vidro fosco e de dimensões mais pequenas, em relação às dos quartos. De modo a marcar um ritmo na fachada voltada para o pátio, estas janelas têm um alongamento de madeira até ao pavimento exterior, e assim conseguimos combater a diferença de tamanhos entre estes elementos e criar uma leitura constante no que diz respeito à dimensão das entradas de luz.

Estes dois volumes anteriormente referidos, não são os únicos que fazem parte de toda a implantação. Para a antiga garagem, distanciada e separada da zona habitacional, propomos um espaço mais descontraído, composto por um pequeno bar, uma zona de estar, uma instalação sanitária, um pequeno quarto de arrumos, e um aproveitamento utilizado igualmente para arrumos.



- 8 - Volume habitacional;
- 9 - Espaço de não-habitacional.

Figura 39 - Diferenciação de espaços

Estas duas divisões são visualmente escondidas pelo material que reveste a parede às quais estas são contíguas. Placas de contraplacado marítimo de cor escura de 2.45x0.80cm revestem toda esta área e unificam este elemento. A instalação sanitária “escondida” por

esta estrutura é igualmente tratada como as da zona habitacional, e toma a mesma forma e o mesmo aspecto que a que se encontra adjacente às salas, no volume 1.

Sendo o pré-existente um bloco com um telhado de duas águas foi nossa intenção manter essa forma. Deste modo, projectamos uma laje plana para cobrir as duas pequenas divisões, deste modo, é criado um vazio que dificilmente tem algum tipo de função. Contudo, e de forma a contrariar essa ideia de espaço desnecessário, propomos uma escada fixa à parede que dá acesso aquele espaço e que servirá apenas para guardar objectos que se utilizem no exterior.

Este espaço vazio está parcialmente protegido por elementos verticais de madeira, o mesmo tipo de contraplacado. Os paralelepípedos marcam a existência de algo naquele espaço e ao mesmo tempo, ocultam o vazio, devido à sua pequena distância de apenas 2cm. A verticalidade e os intervalos que existem entre o ripado contrastam com a simplicidade e opacidade da parede totalmente revestida.

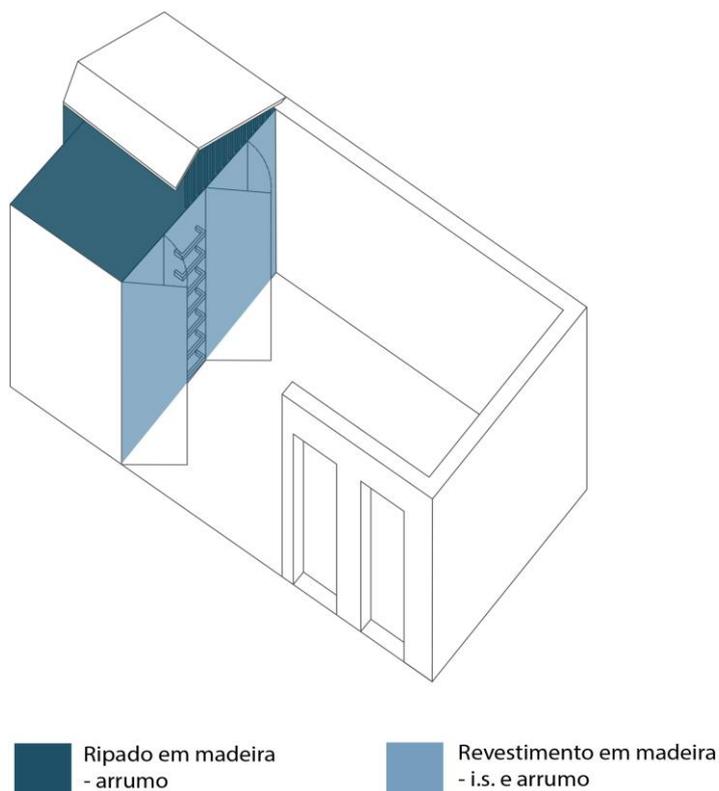


Figura 40 - Especificações, bloco exterior

No exterior e com uma relação notável com os volumes que acabamos de comentar, foi implementada uma piscina, na antiga eira, e com vista para o enorme e plano terreno. Já que a água é um elemento tão presente em toda a região, propomos trazer este recurso até esta habitação. Com isto, e de modo a criar uma ligação, é proposta uma linha de água, que liga um tanque e um pequeno poço à piscina, esta ligação, com uma pequena profundidade de 0.30cm, é composta por placas de ardósia rugosa de 0.40x0.80xcm e este material ganha

maiores proporções pois estende-se até ao grande tanque, trazendo assim a cor escura do lodo tão característica da ria de Aveiro.

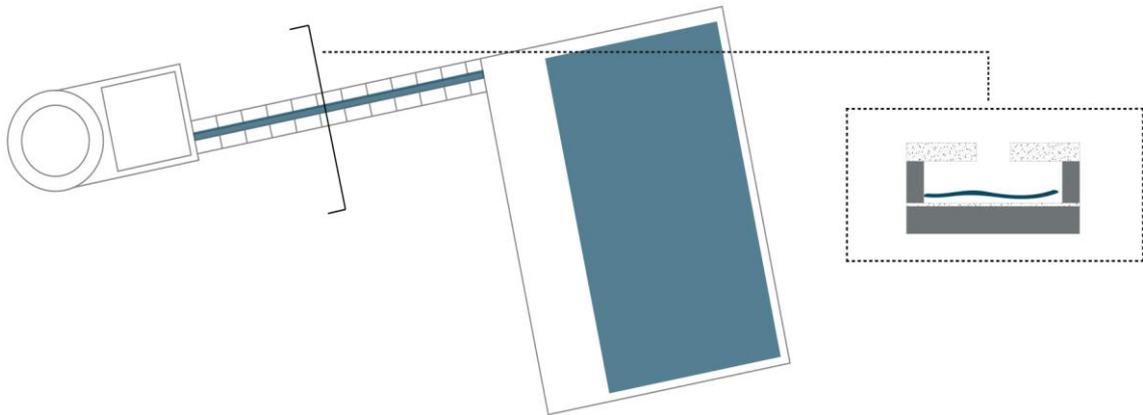


Figura 41 - Pormenor da linha de água

No que diz respeito ao exterior, optamos por vários tipos de pavimentos diferentes, dependendo de cada zona. A zona verde, relvada; a gravilha; placas de betão; areia branca grossa e, de modo a manter a originalidade da habitação, o cimento, feito com areia não peneirada.

O lado mais a este de todo o terreno, o lado direito do tanque grande, sendo esta uma zona de estar no exterior, é em relva, de modo a ser confortável e agradável devido às condições do local e ao elemento à qual está próximo. Do lado oposto ao tanque, e em redor do volume 1, conjugado com as entradas principais da habitação, propomos voltar às origens e manter o original cimento grosso, não peneirado. Em redor do volume número 2, sugerimos a gravilha que acompanhada com placas de betão de 1x1.10cm, alinhadas com cada janela, ajudam a manter a limpeza dentro e fora do edifício, e permitem um melhor escoamento de águas. Para o pátio que relaciona o volume 1 com o segundo volume, optamos por algo leve e claro, que esteja relacionado com as raízes do local, a areia grossa branca, detém as qualidades visuais que pretendemos, para este espaço propomos também a plantação de árvores de fruto dentro de pequenos canteiros circulares em chapa metálica de modo que a terra esteja separada da areia permitindo um melhor crescimento das árvores.

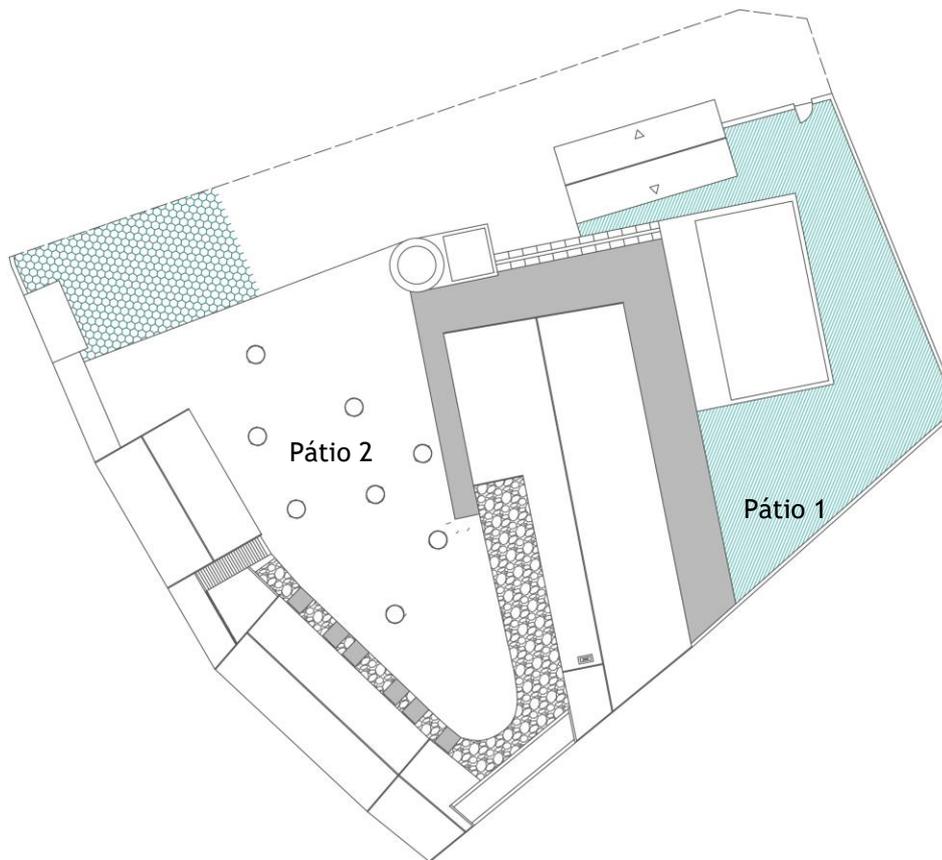


Figura 42 - Diferenciação de pavimentos

O portão é um elemento marcante, que sugere a existência de algo do lado oposto, este, marcado por elementos verticais de aço maciço, é destacado por uma moldura com 2.12m de profundidade que intensifica e marca a sua existência perante toda a fachada que está voltada para a estrada.

Este elemento é o maior ponto de entrada de toda a área de implantação, ao lado deste portão, propomos um outro que permite o acesso aos terrenos agrícolas circundantes e, na mesma moldura que o portão principal, uma pequena abertura para a entrada de peões.

De modo a manter a identidade da habitação e a cultura local, tomámos a decisão de que a pintura exterior se mantivesse como no original, posto isto, propomos caiar a casa de branco, acompanhada de uma barra de cor cinzenta com apenas a altura de 40cm em redor dos volumes 1 e do bloco junto ao tanque, visto que já assim era a pré-existência da habitação.

O mesmo acontece com algumas das janelas do volume 1, em que propomos manter a sua linguagem. Com a caixilharia em madeira, as janelas de guilhotina são parte do código que confere aquele aspecto à habitação. Com isto, a fachada do volume 1 voltada para o pátio 1,

como referida na imagem a cima, mantem totalmente o seu aspecto, preservando assim a configuração das janelas, neste caso são implementadas no local, réplicas do existente. Ao invés, do que acontece no exemplo anteriormente referido, as janelas voltadas para o pátio 2, são janelas de sacada que rondam entre elas os 2 metros e os 2.20 metros de altura, com esta configuração é nos permitido criar uma forte relação do volume 2 com o volume 1, e o pátio central.

Também no bloco de apoio ao grande tanque as janelas são igualmente de sacada com a caixilharia em madeira e vidro duplo com corte térmico, esta configuração permite abrir o espaço ao exterior de modo a ventilar, iluminar e relacionar o exterior com o interior.

Todas as janelas de sacada estão preparadas, de modo a resguardar a privacidade, com estores interiores de rolo, que permitem manter toda a leveza e simplicidade dos espaços. As restantes janelas, visto que são réplicas do existente são fechadas por portadas interiores de madeira.

Todos os limites da implantação são marcados por vegetação, deste modo não impomos limites para o ambiente envolvente e cruzamos a proposta com o meio agrícola onde está inserida.

Todos os materiais adoptados foram pensados de modo a contribuir para a sustentabilidade do edifício e de todos os espaços exteriores adjacentes, principalmente no que diz respeito à originalidade e à forma de como os materiais são empregues. Para nós é também interessante que exista uma relação entre os vários materiais, de modo a estabelecer coerência e harmonia em toda a habitação.

## **5.2. Conclusões gerais**

Ao longo da realização da presente dissertação o interesse pelo tema que aborda a arquitectura tradicional nesta região foi ganhando mais intensidade. Denotamos agora, que ao passear pelas ruas da Murtoza, assim como as de Mira e da Tocha, o olhar se torna mais atento e faz sobressair aspectos que definem a identidade destas regiões.

De modo a defender e entender a origem desta arquitectura “envelhecida”, foram abordados três temas que definem a essência destas construções. A arquitectura tradicional, popular e vernacular. São três definições a ter em atenção, bem como a relação que estas estabelecem com a típica habitação da Murtoza. Após a determinação de todas estas definições, concluímos que a que melhor se identifica com o alvo de estudo é denominada como arquitectura tradicional. Os parâmetros que a definem coincidem com as características do objecto em estudo, um dos mais relevantes, defende que a organização funcional e espacial está intrinsecamente ligada e adapta-se às necessidades do habitante, que em tempos poderíamos definir como necessidades agrícolas.

Após a leitura de variados documentos, chegamos a conclusões fundamentais que determinam a originalidade do que entendemos ser a típica casa da Murtosa. Encontramos assim fortes ligações com a região da Gândara, situada entre a ria de Aveiro e o rio Mondego, mais propriamente nas regiões da Tocha e de Mira.

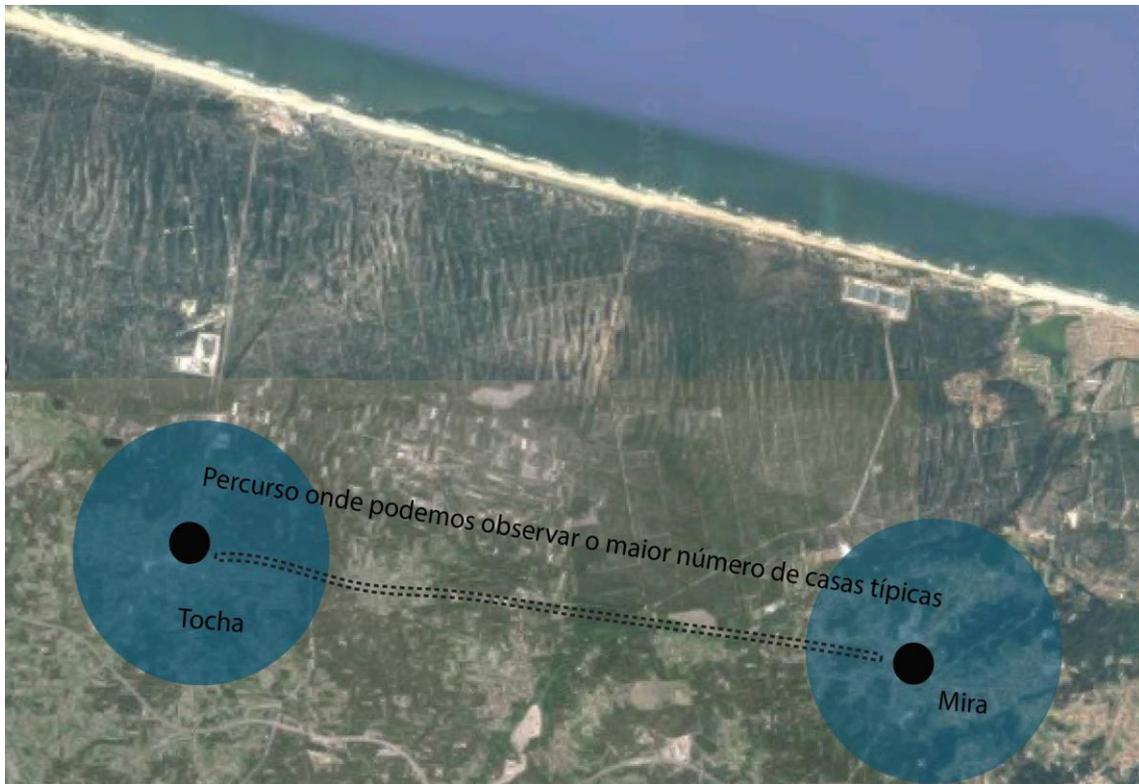


Figura 43 - Percurso Tocha/Mira

As características que as regiões têm em comum na construção das habitações, variam entre a organização formal; a utilização dos materiais; as funcionalidades e a utilização de cada espaço; e o público-alvo, visto que eram maioritariamente construídas para agricultores que usufruíam da casa, não só para a vivência familiar, mas também como o próprio local de trabalho.

Ao percorrermos a zona da Gândara é visível a simplicidade das fachadas. A área habitacional era construída de forma a ter maior privacidade e ser o mais reservada possível. Em Mira, de passagem, é inteligível decifrar a tradição, a sequência janela-porta-janela e os grandes portões acompanhados por dois pequenos postigos fazem parte do desenho destas casas.

O portão que dá acesso para um grande pátio para onde estão viradas maior parte das divisões, é o principal elemento que divide a zona habitacional da zona agrícola, cria assim uma barreira. No entanto, no seguimento do portão cabe ao pátio ser o espaço de fusão, o que interliga os dois espaços. Os pequenos postigos também representados na fachada frontal

são os respiros do celeiro, não só permitem ao espaço ganhar luminosidade, mas também são os principais agentes da ventilação dos cereais lá armazenados.

Do lado oposto ao celeiro, já na parte habitacional da construção, podemos descrever os espaços de uma forma contínua, visto que o elo de ligação das divisões é apenas um e não tem qualquer quebra. O percurso que se efectua ao longo da casa, permite-nos uma leitura consistente de todo o espaço.

É de notar, que ainda existem bastantes casas com estas características, apesar das mesmas não estarem devidamente conservadas de acordo com o seu aspecto original e ser visível pouco interesse pelos proprietários na reabilitação do que achamos ser a identidade da região. Promovemos assim, com este estudo, o reforço e a importância que a arquitectura local e tradicional tem para o desenvolvimento e a história da própria região.

Já na localidade da Tocha, o mesmo não acontece, devido à disposição da tradicional habitação perante a estrada. Esta é mais reservada e não tem qualquer tipo de porta de entrada voltada para a estrada. Tem uma configuração bastante própria e assemelha-se em alguns aspectos às casas de Mira.

Assim como em Mira, na Tocha, os postigos estão bem presentes na fachada principal, assim como os elementos janela-porta-janela, que estão inteiramente ligados à distribuição interior da habitação e correspondem a pequenos quartos e uma sala. A cada porta ou janela na fachada principal fazem-se corresponder um postigo que ilumina e ventila um andar superior cujo acesso é feito por um dos quartos.

As casas tradicionais da Tocha podem ser divididas por dois volumes que compõem a composição final, um maior, e principal, onde estão os quartos e a sala e um menor, o corpo secundário, de pé direito mais baixo onde podemos encontrar a cozinha e outras divisões de menores dimensões.

Nestas habitações, a união destes dois corpos é feita pela cozinha e sala, fazendo assim a distinção entre o espaço mais comum e os espaços de dormir, visto que os quartos ficam do lado oposto à cozinha.

Em algumas casas, as menos antigas, a união dos dois volumes não é visível, e a cozinha fica assim incluída no corpo principal, no que diz respeito às outras divisões e à sua organização, tudo se mantém, assim como as correspondentes entradas de luz. As relações que existem entre os dois tipos de casas são também no espaço exterior, assim como em Mira o portão dá acesso para o pátio que relaciona o exterior com o interior. Na Tocha também, mas o portão ao invés de se situar na fachada principal e estar relacionado com a habitação, situa-se num muro e rasga o muro para criar uma entrada para o pátio.

De modo a perceber e compreender todas as diferenças e semelhanças entre estes dois tipos de casas, elaboramos um esquema de forma a confrontar as características dos elementos em comum das habitações das duas regiões.

O celeiro em Mira toma um lugar lateral ao portão, na Tocha o celeiro situa-se um patamar superior, mas contudo, os elementos de iluminação e ventilação são comuns aos dois tipos, os dois possuem pequenos postigos. O corpo secundário, tanto numa como noutra região é composto pelas mesmas divisões, apenas altera a orientação do mesmo, enquanto que mais a Norte, em Mira, este corpo é perpendicular ao principal, na Tocha, este corpo é a continuação do principal, alterando apenas as dimensões. O portão é à primeira vista, como já referido o elemento onde maiores diferenças se revelam.

Após esta correspondência de informações entre as casas de uma e de outra localidade, conseguimos relacionar as mesmas com o nosso objecto de estudo, a casa da Murtosa, que também em muitos elementos é idêntica a estas e está inteiramente relacionada em variados aspectos, assim como as divisões e consequentemente a função de cada espaço. Esta faz parte da identidade da região e é uma marca que podemos considerar fundamental para a história da localidade e da sua cultura.

Após um estudo aprofundado e com a ajuda do livro “Arquitectura Tradicional Portuguesa” de Fernando Galhano e Ernesto Veiga Oliveira que aborda o que são realmente as típicas casas da Murtosa, conseguimos entender que existem mais que um tipo de habitações, às quais chamamos de tipo um, dois e três.

De forma bastante sintetizada, o tipo um é o modelo inicial e o ponto de partida para o aparecimento dos outros tipos. Constituído apenas por uma cozinha; uma sala; dois pequenos quartos e o alpendre, que é peça fundamental para a distinção destas casas, este é o tipo mais adâmico de todas as construções, e o que hoje em dia é mais difícil de encontrar na região da Murtosa.

De seguida, o tipo dois, pouco acrescenta ao primeiro formato construído e aqui falado anteriormente, o espaço da sala dá lugar a uma despensa e são acrescentadas duas pequenas alcovas na zona traseira, estas alcovas têm a mesma função de dois pequenos quartos, mas com dimensões ligeiramente mais pequenas. Com estes acrescentos, o volume da habitação toma outras dimensões e é facilmente distinguível devido às águas do telhado e à sua forma.

O terceiro tipo, o mais actual, é formado por dois volumes, e a sua composição é feita por o mesmo modelo de habitação do tipo um, com a adição de um novo volume com mais altura. O volume acrescentado dá corpo a duas pequenas alcovas e uma sala. Este é o modelo que mais se pode observar por todo o concelho da Murtosa.

Para uma melhor compreensão de todos os elementos das casas da Murtosa, decidimos abordar cada divisão e elemento de forma particular e perceber a sua função.

O alpendre, comum aos três tipos; a cozinha - espaço de união familiar, onde se situava o forno a lenha; a sala que também pode ser chamada de sala do senhor, que só era utilizada nos dias de Páscoa e em momentos fúnebres; a sala do meio e a despensa que serviam de elemento separador da cozinha e da sala do senhor; por fim, os quartos, com dimensões bastante pequenas, no seu interior estavam apenas uma cama e uma cadeira onde se colocavam as roupas do dia-a-dia.

Após perceber e entender as funções de cada espaço e a organização formal deste tipo de casas, partimos para um estudo ainda mais particular que inclui o objecto de estudo específico.

Situada na Murtosa, mais propriamente na freguesia do Bunheiro, a casa a reabilitar é notoriamente uma habitação do tipo dois, não propriamente nem totalmente pela organização formal, mas sim, e também por todos os elementos que a constituem. Separada por duas zonas, a habitacional e a agrícola, esta habitação mostra bem como eram as vivências no seio de uma família de agricultores.

A zona habitacional, organizada formalmente de forma linear, é composta por uma cozinha, uma despensa, uma sala, uma sala do senhor e cinco quartos, em que três deles podemos chamar de alcovas. Concluímos assim, e em conversa com os proprietários que o quarto mais próximo da eira, da dispensa, da cozinha e com a ligação mais directa para a zona agrícola pertencia à criada, deste modo, estava mais próxima da sua função nesta casa, as restantes divisões, assim como a sala, a sala do senhor e os restantes quartos estavam destinados para os proprietários da habitação, era esta então a zona mais “limpa” e cuidada da casa.

A zona agrícola, situada nas traseiras da parte habitacional e em contacto com a estrada é a menos cuidada, visto que serve de abrigo para os animais, serve de adega e é também destinada a espaços para serem guardadas as alfaias e tudo o que era necessário para a agricultura.

Adjacente a isto e como forma de entrada para toda esta área existiu em tempos um portão, que para a região é parte integrante da sua identidade, infelizmente, este espaço hoje em dia dá lugar a um armazém sem qualquer semelhança com a forma original da habitação este vem desfigurar a essência do espaço e legar um aspecto pesado à fachada voltada para a estrada.

Após o estudo feito a toda a habitação, seja a nível de materialidade, organização formal e toda a história da casa, compreendemos que comparadas com as necessidades de hoje em

dia, esta carece de muitas funcionalidades, desde áreas bastante reduzidas; a falta de instalações sanitárias; aos materiais utilizados, entre outros elementos que nos dias de hoje achamos indispensáveis para habitar uma casa.

Concluimos assim, e sendo esta uma reabilitação que pretende manter a originalidade do construído, que o que mais poderia valorizar a habitação era prolongar a área habitacional para a área agrícola, de forma a não sobrecarregar o terreno com mais edificado e dar uma função completamente necessária e fundamental para o bom funcionamento da casa. É então proposto um conjunto de quartos acompanhados por um extenso corredor, que vem dar actividade à parcela e consecutivamente mais áreas de estar à habitação.

Também a antiga garagem ganhou um novo papel perante o existente, esta transforma-se num espaço amplo e descontraído, com um pequeno bar e zona de estar, instalação sanitária e um pequeno quarto de arrumos. Este espaço, após todas as modificações ganhou luz e funcionalidades diferentes.

No geral, perante o existente, as características do exterior de toda a habitação foram praticamente mantidas, por outro lado, no interior as divisões tomaram outras e novas funcionalidades de modo a melhorar toda a organização formal e funcionamento da mesma.

Em jeito de conclusão, achamos de grande importância a reabilitação destas habitações para o bem da história e da identidade local. Estas habitações fazem parte da cultura da Murtosa, assim como a arte xávega, a apanha do moliço e a construção e pintura de moliceiros, mas nós, como arquitectos temos o papel fundamental de cuidar e reabilitar o que nos compete.

# Bibliografia

## Teses e dissertações:

CONCEIÇÃO, André, (2011). Falemos de Casas, Heterogenia e Habitar - O Bairro Sustentável. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, Universidade da Beira Interior.

FARIA, Célia Joaquina Fernandes, (2009). A construção do lugar arquitectónico - A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito. Dissertação para obtenção do grau do de Mestre em estudos do espaço e do habitar em Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura.

LACERDA LOPES, Carlos Nuno, (2007). O Projecto e os Modos de Habitar. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

MORGADO, Filipa Vaz, (2013). Pátio e Casa-Pátio: A dimensão doméstica do espaço exterior da casa - Projecto de um edifício habitacional no Desterro, Lisboa. Projecto para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

OLIVEIRA, Nélia Maria Martins de Almeida, (2011). Arquitecturas marcantes da região de Aveiro na viragem do século. Dissertação de Mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

RAMOS, Rui Jorge Garcia, (2004). A casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa - Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

RAMALHO, Ana Rita Águas, (2013). A casa e o método - Concepções de vivência e identidade. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura.

## Livros:

CAPÃO, António (1993). Cultura popular em terras de Aveiro. Etnografia e Literatura, Acção Católica Rural, Aveiro.

LACERDA LOPES, Carlos Nuno, (2012). Arquitectura e modos de habitar 01, Conversas com Arquitectos - Eduardo Souto Moura. Edições CIAMH.

LINO, Raul, (1933). Casas Portuguesas - Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples. Ed. Livros Cotovia, Lisboa, 1992.

MOUTINHO, Mário, (1979). A Arquitectura Popular Portuguesa. Editorial Estampa, Lisboa, 1995. (3ª Edição).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando, (1992). Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000. (4ª edição).

## Fontes da internet:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. (n.d)  
<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>  
Consultado a 29.05.16.

Camara Municipal da Murtosa. <http://www.cm-murtosa.pt/> Consultado entre em várias datas dos meses 04 e 05.

DOMINGUES, Álvaro. Nova Photographia. (n.d) <http://www.novaphotographia.pt/2015/07/a-geografia-portuguesa-segundo-alvaro.html> Consultado a 2.04.2016

EUAC Coimbra. Vídeo: EUAC Colóquio 01: "Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa": Arq. José Manuel Pedreirinho (2012) <https://www.youtube.com/watch?v=2YHQ1va9IA> Consultado a 15.05.2016.

FILIFE, Sónia. Alguns apontamentos para uma Estratégia de Desenvolvimento do Baixo Vouga (n.d)<http://www.aderav.com/quemsomos/registos/revista-patrimonios/patrimonios-n-4/alguns-apontamentos-para-uma-estrategia-de-desenvolvimento-do-baixo-vouga/#.V9V-cpgrLIV> Consultado a 20.04.2016

Fonte para criação dos mapas: <https://www.google.pt/maps> Consultado em várias datas no decorrer da elaboração da dissertação, base de imagens tratadas.